

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS**

Yeon Hee Schiefelbein

**BATHSHEBA EVERDENE, FANNY ROBIN E LIDDY SMALLBURY:  
UM ESTUDO DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE *FAR  
FROM THE MADDING CROWD*, DE THOMAS HARDY**

**SANTA MARIA, RS  
2023**

Yeon Hee Schiefelbein

**BATHSHEBA EVERDENE, FANNY ROBIN E LIDDY SMALLBURY: UM ESTUDO  
DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE *FAR FROM THE MADDING  
CROWD*, DE THOMAS HARDY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Linha de Pesquisa Literatura, Comparatismo e Crítica Social, como requisito parcial para o título de **Mestre em Letras**.

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Lawrence Flores Pereira

Santa Maria, RS  
2023

**Yeon Hee Schiefelbein**

**BATHSHEBA EVERDENE, FANNY ROBIN E LIDDY SMALLBURY: UM ESTUDO  
DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE *FAR FROM THE MADDING  
CROWD*, DE THOMAS HARDY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Linha de Pesquisa Literatura, Comparatismo e Crítica Social, como requisito parcial para o título de **Mestre em Letras**.

Aprovada em 17 de novembro de 2023:

\_\_\_\_\_  
**Prof.º. Lawrence Flores**

**Pereira, Dr.º. (UFSM)  
(Presidente/Orientador)**

\_\_\_\_\_  
**Adriano Moraes**

**Migliavacca, Drº. (UFRGS)**

\_\_\_\_\_  
**Bárbara Loureiro**

**Andretta, Drª (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

## RESUMO

### **BATHSHEBA EVERDENE, FANNY ROBIN E LIDDY SMALLBURY: UM ESTUDO DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE *FAR FROM THE MADDING CROWD*, DE THOMAS HARDY**

AUTORA: Yeon Hee Schiefelbein

ORIENTADOR: Prof.º. Dr.º. Lawrence Flores Pereira

O presente trabalho pretende investigar o romance *Far from the Madding Crowd*, edição de 2012, de Thomas Hardy. O principal foco de análise será as três personagens femininas Bathsheba Everdene, Fanny Robin, e Liddy Smallbury. Essas personagens ocupam tal destaque, pois suas opiniões e ações divergem durante toda a narrativa. Para compreender essas divergências, será analisado o espaço da mulher na sociedade vitoriana, além da razão destas personagens se diferenciarem não apenas entre si, mas também em relação ao seu espaço na sociedade. Considerando os estudos de Boumelha (1982), Eagleton (2007), Kramer (1979), Millgate (1994), entre outros, pode-se compreender como essa dinâmica das personagens ocorre. Além disso, serão enfatizadas as ações e os pensamentos de Bathsheba, personagem principal, e o seu conflito em se manter firme em seus posicionamentos diante de uma sociedade regida pelo masculino. Foram utilizados também conceitos-chave de autores como Welleck e Warren (1985), Brait (1985) e Candido (2007)

Palavras-chave: Romance. Literatura Vitoriana. Thomas Hardy.

## **ABSTRACT**

**BATHSHEBA EVERDENE, FANNY ROBIN AND LIDDY SMALLBURY: A STUDY OF FEMALE CHARACTERS IN THE NOVEL FAR FROM THE MADDING CROWD, BY THOMAS HARDY.**

AUTHOR: Yeon Hee Schiefelbein

ADVISOR: Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Lawrence Flores Pereira

This work aims to investigate the novel *Far from the Madding Crowd*, 2012 edition, by Thomas Hardy. The main focus of analysis will be the three female characters Bathsheba Everdene, Fanny Robin and Liddy Smallbury. These characters occupy such prominence, as their opinions and actions differ throughout the narrative. To understand these divergences, the space of women in Victorian society will be analyzed, in addition to the reason these characters differ not only from each other, but also in relation to their space in society. Considering the studies by Boumelha (1982), Eagleton (2007), Kramer (1979), Millgate (1994), among others, it is possible to understand how this character dynamic occurs. Furthermore, the actions and thoughts of Bathsheba, the main character, and her conflict in remaining firm in her positions in a society ruled by men will be emphasized. Key concepts from authors such as Welleck and Warren (1985), Brait (1985) and Candido (2007) were also considered.

Keywords: Novel. Victorian Literature. Thomas Hardy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 PERÍODO VITORIANO</b> .....	17
<b>3 HEROÍNAS HARDIANAS</b> .....	24
<b>4 FAR FROM THE MADDING CROWD</b> .....	27
4.1 BATHSHEBA EVERDENE .....	27
4.2 FANNY ROBIN .....	59
4.3 LIDDY SMALLBURY .....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## 1 INTRODUÇÃO

A beleza reside naquilo que simboliza e não no objeto em si, já dizia uma frase de Thomas Hardy. E há uma grande verdade neste pensamento, uma vez que é difícil obrigar alguém a enxergar beleza naquilo que para ela não faz sentido. A mesma ideia se encontra na razão de ainda revisitar obras e autores clássicos depois de tantos estudos e críticas já existentes, e depois de tanto tempo. Um autor já consolidado há tanto tempo ainda tem espaço nos estudos contemporâneos? E a resposta é sim, ainda tem. Thomas Hardy é estudado e discutido desde sua época de publicação até os dias atuais, possuindo ainda muita relevância. Mesmo sendo um autor que tratava de questões tão particulares do período vitoriano, ele aborda questões e temáticas que são cada vez mais pertinentes.

E a beleza de Bathsheba Everdene, personagem principal da obra selecionada para este estudo, reside na sua complexidade, e não nos seus atributos físicos perceptíveis. Diante de uma personagem tão complexa como nos é apresentada, é possível compreender suas singularidades, comparando-a com outras personagens femininas presentes na obra. Essa comparação, por mais que seja singela, nos possibilita apontar a grandeza de tal personagem, ainda mais dentro do universo de Hardy.

Dizem que a primeira impressão é aquela que mais nos marca, porém não foi assim o primeiro contato com esse autor. Quando li Judas, o Obscuro, quase no final da graduação, me deparei com um universo até então desconhecido.

Mesmo já conhecendo alguns escritores da mesma época, como Emily Bronte e Jane Austen, nunca havia tido um grande interesse pela literatura do período. Porém, após assistir à adaptação de *Far from the Madding Crowd* de 2015, e ler a primeira obra do autor, desenvolvi um grande interesse pela literatura vitoriana.

Apesar de ter tido contato com outros autores da época, nenhum teve um destaque tão grande quanto este. As diferentes dimensões, e temas abordados logo chamaram minha atenção. A capacidade do autor de retratar situações tão características do interior da Inglaterra ao mesmo tempo que consegue tratar de temáticas universais.

A intensidade que Hardy aplica em suas obras, tal como os tons trágicos presentes, fez com o que autor ganhasse um lugar de destaque dentro da literatura que conhecia até então. As questões extremamente triviais de todo ser humano são abordadas de tal forma que conseguimos discernir um deslumbramento com aquilo que por muitos já é esquecido. Reconhecer as diferentes dinâmicas de cada ser humano, dentro do seu universo particular, e compreender a grandeza de pertencer àquilo que poucos dão valor ou importância. São questões desta magnitude que fizeram de tal autor receber destaque neste estudo.

Os personagens apresentados por Hardy possuem uma dimensão de análise diferente, pois ele nos proporciona desde questionamentos diretamente relacionados a sua época da criação, até questionamentos que são proeminentes aos dias atuais.

Se Hardy nos apresenta a personagens intrigantes ou complexadas, isso não podemos negar. Mas ele também é capaz de aproximar-se daquilo que há muito tempo é tratado como secundário ou irrelevante, que é a altivez do ser humano de se enxergar além de si, além das construções sociais vigentes, ao mesmo tempo que consegue se bastar em si. E é isso que ocorre com Bathsheba Everdene. Bathsheba enfrenta todas as adversidades possíveis mantendo-se fiel a si mesma, e este talvez seja o maior triunfo que ela pode conseguir.

Quando tratamos de literatura de temáticas universais, consideramos autores e obras como essa. Durante a graduação, compreender a dimensão deste termo se tornou um ponto central para encontrar o meu lugar no vasto curso das letras. Compreender a grandeza desses autores clássicos dentro do seu próprio universo é um curso que todo estudante de letras provavelmente irá passar.

De acordo com Welleck e Warren (1985), a literatura representa uma realidade social, e essa literatura está fortemente interligada com as instituições que a fundamentam. Podemos considerar, então, a literatura como uma expressão da realidade, não como um espelho da situação atual de um tempo e espaço, mas como um instrumento que capta sua essência. Essa essência é representada por Thomas Hardy em suas obras, considerando seu período e local de publicação.

Thomas Hardy, de acordo com Symons (1992), estava preocupado em representar essencialmente o princípio da vida em si e das suas peculiaridades, e



não apenas as questões de cunho social, como as repressões sociais, apesar de se fazerem fortemente presentes. É difícil conceber uma sociedade sem mencionar as suas instituições, considerando especialmente a era vitoriana. Mesmo assim, Hardy se preocupa com outros aspectos, por exemplo, com o destino e como ele influencia a vida de seus personagens.

Do ponto de vista social, o autor retrata, em sua maioria, camponeses, leiteiros, ordenhadoras, mercadores, músicos, gente do campo e dos vilarejos rurais de pequeno e médio porte, mas também a pequena nobreza, fazendeiros e clérigos — todos ligados, por suas histórias passadas ou atuais, à região de Wessex. (CAROLINA PAGANINE, 2012, p.435)

Seus romances mais famosos, como *Jude, the obscure* (1895), e *Tess of the d'Urbervilles* (1891) ocupam grande parte do espaço do autor na pesquisa, mesmo que seus contos e poesias também tenham sido objeto de estudo. Judas por se tratar da trágica tentativa do personagem principal de tentar realizar mais do que sua classe permitia. Judas tenta, mas falha em quase todas as suas tentativas. Além do enredo, englobar várias temáticas interessantes, a mais angustiante é a esperança de Judas ir desaparecendo drasticamente. Tess, por outro lado, consegue em alguns momentos pequenas vitórias, porém seu final também é trágico. Tanto Judas como Tess apresentam uma esperança quase ingênua de que o seu destino seria diferente, mesmo tendo conhecimento de que isso seria difícil. Essa ingenuidade é atrelada a vários pontos, mas o principal acaba sendo a vontade de ambos os personagens tentarem alcançar aquilo que sua classe não permite.

Na obra, *Study of Thomas Hardy and other Essays* (1914), D.H Lawrence, menciona que foi em *Far from the Madding Crowd* que Thomas Hardy encontrou sua voz. Até então, o autor já havia escrito outros romances, mas é neste que podemos encontrar de forma consolidada os traços que marcariam sua trajetória como escritor.

As duras críticas que o escritor sofreu durante a publicação dos seus últimos romances incidem justamente na presença desses traços, que serão considerados depois como pessimismo. Além disso, D.H Lawrence discute a preocupação que os leitores possuíam em relação da visão de Hardy sobre Deus, o universo e o casamento.

Os estudos mais tardios se esforçaram em enxergar Hardy como um romancista e poeta, e não como filósofo ou representante do pensamento vitoriano. Mesmo que em diferentes formas, ele o fazia muito bem.

D.H Lawrence argumenta que era mais importante compreender o significado geral das suas grandes obras, do que compreender as agentes por trás de suas visões, ou acontecimentos relevantes da sua biografia. Mesmo assim, novamente, se faz necessário reconhecer como alguns eventos específicos influenciaram grandemente na construção de seus personagens e enredos.

A razão do estudo de *Far from the Madding Crowd*, que apesar de não ter sido seu primeiro romance, foi o primeiro que recebeu notoriedade, recai justamente na tentativa de colocar em destaque personagens femininas Hardianas que não são meras vítimas do sistema social da época. Em muitos trabalhos, como de Katharine Rogers (1975), e Penny Boumelha (1982), nos deparamos com discussões relacionadas as personagens femininas que pouca ação possuem, e que acabam cedendo as restrições e pressões do período.

Nesta obra, somos apresentados a personagens que fogem do estigma de ingênuas e incapazes de agir sobre as repressões sociais que as cercam, como é comumente abordado, e sim personagens que se utilizam dos meios alcançáveis para tentar mudar sua atual situação. Como dito anteriormente, grande parte das pesquisas voltadas ao autor recaem sobre o infeliz caminho que seus personagens enfrentam. Pessimismo, a difícil vida no interior, as incansáveis buscas por novos caminhos e sentidos ocupam a maioria dos estudos das obras de Hardy.

Esse romance tem sido foco de estudo em pontos diferenciados em relação ao aqui abordado. Apesar de Bathsheba, por ser a personagem principal, já ser analisada, ela ainda é colocada em comparação negativamente. O objetivo deste estudo é apontar justamente o oposto.

Tem-se discutido questões como a natureza e o interior, assim como a sua idealização, a relação dos assassinatos e as sutis, primeiras marcas do pessimismo Hardiano. Assim como a cultura era discutida em seu enredo, a forte presença de termos e nomes bíblicos, o pouco poder que o homem apresenta em relação ao seu destino, assim como o espaço da mulher, entre outros.

Para entender a construção desse personagem, podemos considerar Antonio Candido (2007) que nos faz refletir sobre alguns aspectos da construção e compreensão do personagem como tal. Ele ressalta que:

“Daí concluirmos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário. Esta impressão se acentua quando investigamos os, por assim dizer, fragmentos de ser, que nos são dados por uma conversa, um ato, uma sequência de atos, uma afirmação, uma informação. Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo.” (CANDIDO, 2007, p.53)

Para compreender a importância dessas três personagens, podemos apontar o posicionamento delas em relação às principais instituições vitorianas, como o casamento. Lembramos que no período vitoriano, um dos principais pilares de uma pessoa bem sucedida era o seu casamento. As mulheres só encontravam espaços relevantes na esfera familiar. Esses papéis englobavam o lugar da mulher enquanto filha, mulher e mãe.

Enquanto para Liddy e Fanny o casamento é uma instituição fortemente ligada à ascensão e aceitação social, para Bathsheba esse não passa de um contrato entre duas pessoas. Ela reconhece a importância do casamento no contexto em que habita, mas não deixa ser limitada por ele. Essas relações das personagens com as instituições são bem representadas considerando o peso que cada uma delas oferece a ele. Sendo o casamento uma das mais importantes instituições da época, não é difícil compreender que quando não bem-sucedido, ele pode levar à ruína. Isso acontece claramente a Fanny, que consta a sua única esperança para ascensão social e saída da miséria, o casamento com Troy, que, ao não acontecer, termina, fadidamente, em nada menos do que a morte.

Liddy, por outro lado, tem uma ocupação que a garante um destino um pouco diferente de Fanny. Mesmo assim, ela percebe que suas opções em relação ao casamento não podem ser alvo de brincadeiras ou desdém por reconhecer suas limitações em relação a isso.

Compreendendo isso, pode-se perceber que o romance apresenta de forma sutil traços que mais tardiamente marcariam as obras do autor, como o pessimismo

e personagens femininas enfrentando seus destinos trágicos, mas apresenta também uma heroína que consegue enfrentar as adversidades impostas pelo sistema com sucesso.

É importante ressaltar que a análise de um romance como *Far from the Madding Crowd* recai não apenas na sua importância histórica-social, ou estética da obra, mas sim pelo fato de retratar problemas do cotidiano da mulher vitoriana. A literatura sendo pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social Todorov (2009) já carrega em si um grande peso, mas assim como a análise desta obra possibilita compreender os mecanismos que regiam a vida dessas personagens, “a realidade que a literatura aspira compreender, é simplesmente a experiência humana” (TODOROV,2009, p. 77).

Em termos de contexto histórico e espaço da mulher na sociedade vitoriana, podemos considerar Ronald Carter (1997) e Sarah Stickney Ellis (1872).

Por meio dessas obras podemos compreender as condições que embasaram o comportamento da época, e podemos entender as razões por trás dessas condições.

Ainda tratando sobre o autor, ressaltamos mais alguns pontos interessantes para a compreensão dos tópicos discutidos nesta análise. Diante disso, destacamos que Thomas Hardy nasceu no dia 2 de junho de 1840, em Dorset, Inglaterra. Considerado um dos poucos escritores ingleses que conseguiram reconhecimento tanto como um romancista/novelistas como poeta. Hardy estava preocupado com as questões locais da cidade em que nasceu, enquanto demonstrava fascínio por assuntos gerais. Ele demonstra interesse pelo passado nacional, assim como observava a simplicidade da vida cotidiana

Hardy conseguiu captar a essência do romance vitoriano do final do século XIX, ao mesmo tempo, em que conseguiu construir uma poesia que se classificava como moderna. Em Dorset viveu e escreveu nos seus primeiros 18 anos de vida, registrando com precisão e sensibilidade as principais mudanças ocorridas na Inglaterra, mais especificamente na sua cidade natal.

Hardy, atraído por acontecimentos históricos anteriores à sua existência, bem como as inúmeras transformações em seu país, tinha vontade de conhecer a vida

obscura e oculta de sua família, parentes e amigos. Seu interesse pela rotina do cotidiano é apresentado nitidamente em suas obras, nas quais são retratados os acontecimentos mais básicos das pequenas cidades do interior da época.

A cabana que ele se acostumou a chamar de lar, os costumes que ele observava, as músicas cantadas e ecoadas nas igrejas, e as realidades econômicas que o cercavam influenciaram e se fizeram fortemente presentes nas suas obras. Toda sua obra depende desse cenário, desses detalhes fortemente ligados aos eventos que lhe ocorreram principalmente na infância. As histórias que se acostumou a ouvir desde pequeno, por exemplo, influenciaram grandemente o imaginário do autor.

De acordo com Keith Wilson, em *“A companion to Thomas Hardy”* (2009), Thomas Hardy foi um escritor cuja “sensibilidade e assuntos foram formados pela íntima experiência nos seus anos iniciais da vida rural do sudoeste da Inglaterra”. Essa experiência adquirida durante sua infância, fez com que autor conhecesse os “ritmos e modos” de tal forma que ao reimaginar Wessex, a reinventou. Wessex, considerado o principal cenário de suas obras, engloba a área mais ampla do sul da Inglaterra, centrada em Dorset, ainda na maioria rural. Além de Wessex, outro local recorrente nas obras do autor é Casterbridge, inspirada em Dorchester, a cidade do condado, onde o autor recebeu sua educação e seus primeiros ensinamentos de arquitetura.

Ainda de acordo com Wilson, Hardy ao lado de Wordsworth é um dos melhores escritores da “natureza”, e nem Wordsworth é tão fortemente associado a uma área particular da Inglaterra rural como Hardy.

Essa relação do autor com a natureza não andava de acordo com suas convicções religiosas, elas pareciam ocupar dois lugares distintos na vida do autor. Enquanto a natureza e sua relação com o homem parecia ser o centro das suas obras, o espaço que até então Deus e igreja ocupavam na centralidade da vida vista por ela, estava se perdendo.

A relação de Hardy com sua fé sempre foi complicada. E apesar de perder grande parte da sua fé pela instituição que era a igreja naquele período, nunca deixou de lado o lugar que as tradições, liturgia, melodias, construções e rituais

comunitários ocupavam na sua vida. Mesmo desacreditado, Hardy fez com que essas tradições fossem fortemente presentes em suas histórias. E além das críticas depositadas, principalmente em relação à hipocrisia da igreja em relação aos vistos como impuros, Hardy conseguiu capturar em suas obras a beleza sutis dessas tradições e costumes vinculados à igreja.

O autor consegue, também, representar em suas obras a intensidade dos prazeres da vida, como o amor, a comunidade, a música e a dança, o humor, e acima de tudo, a capacidade de se maravilhar diante das belezas e mistérios da natureza.

Keith Wilson (2009) ressalta que existe um grande paradoxo nos trabalhos do autor, que recai no lugar que a humanidade ocupa no mundo. Para Hardy, a consciência do ser humano é tanto uma dádiva como uma aflição. Por um lado, a vida oferecia tão poucas e limitadas consolações para figurar a consciência como um fardo irônico, que talvez seria melhor o ser humano nem a possuir. Mas, por outro lado, é justamente nesta consciência que reside a esperança que o mundo pode melhorar.

As principais referências quanto a bibliografia do autor foram publicadas após sua morte em 1928, pela sua segunda esposa Florence. As obras intituladas *The Early Life of Thomas Hardy - 1840 - 1891* e *The Later Years of Thomas Hardy 1892 - 1928* tiveram um intervalo de 2 anos de publicação.

Temáticas tão presentes nas obras do autor como o sistema de classes e questões "hereditárias" parecem não corresponder com o próprio curso de sua vida, que saiu da obscuridade de uma vida no interior para ser reconhecido ainda em vida como um importante homem das letras.

O curioso curso de sua vida e a relação desses eventos com os principais temas abordados nas suas obras surge literalmente com seu nascimento. Existem dúvidas quanto aos seguintes fatos, porém acredita-se que Jemina Hand, sua mãe, teve um trabalho de parto difícil, exigindo a presença de auxílio médico. E que o recém-nascido foi considerado morto e deixado de lado por alguns instantes, apenas para depois ter se percebido que ele estava vivo "o suficiente". Esse simbólico fato

parecia premeditar a relação que o autor teria em relação à morte, tratando-a de uma forma poética por tanto tempo.

Em *Hardy and Philosophy* (2010), Phillip Mallet comenta as inclinações filosóficas do autor. Dentro da sua ficção, ele explora basicamente duas. O fato das emoções governar a vida humana mais do que a razão, e que a ordem existente da sociedade falhou em satisfazer as paixões humanas.

O fator que mais incomodava o autor dentre esses questionamentos era justamente a incerteza que o ser humano tinha em relação a si e ao universo que o rodeava. Até então acreditava-se que a predestinação divina era o ponto-chave para o sucesso ou insucesso do ser humano. Viveu em um período em que só havia certezas, apenas para que todas essas certezas fossem colocadas em questão. Deus não estava mais no centro da vida do ser humano, a fatalidade era algo com que convivia sem uma explicação “maior”, o ser humano estava à mercê de suas convicções e da sorte, e, mediante suas obras, não conseguimos distinguir se isso era visto como algo positivo. Quando a religião deixa de ocupar a centralidade na vida do ser humano, ele acredita que esse espaço seria ocupado por ele mesmo, porém nem sempre isso acontece. Ao centralizar o ser humano como principal agente de sua vida, ele percebe que toda a responsabilidade acaba recaindo sobre si, e essa carga de responsabilidade nem sempre é vista positivamente. O ser humano entra em crise ao perceber que não pode responsabilizar a predestinação divina pelo seu infortúnio.

De acordo com Paganine (2014, p.29):

“Quando se estuda Thomas Hardy, uma das primeiras conclusões a que se chega é que sua obra escapa às fáceis classificações em períodos literários ou em padrões estilísticos. Ao mesmo tempo em que Hardy é considerado um dos últimos romancistas do período vitoriano, também é visto como um dos primeiros poetas do século XX. Esse caráter de transição – que alia referências a tradições passadas, mas que também está fundamentalmente vinculado a questões contemporâneas de representação – intrigou os críticos de Hardy, desde o início de sua carreira, quando sua obra era julgada pelo poder de verossimilhança de suas descrições e enredos e pelo grau de afronta à moral e aos bons costumes.” (PAGANINE, 2014, p. 29)

Hardy questiona e critica a hipocrisia da época, permitindo que as suas personagens ocupem um lugar, que era considerado praticamente impossível. Assim

como existem heroínas cujas vidas têm em seu fim trágico, como acontece com Tess, a reafirmação de todas as concepções que regiam o pensamento da época, existem também personagens capazes de chegar em posições pouco comuns.

O autor aborda os mais diversos temas, como seus personagens e o destino cruel que os aguarda, o pessimismo, a representação do interior da Inglaterra ameaçado pela industrialização, e a relação com a religião e outras instituições que regiam o pensamento vitoriano. O fatalismo, por exemplo, discutido em *The Victorian Novel (2008)*, era visto não apenas como um conforto amargo, mas também como a fonte de suas dores.

Considerando os estudos de Boumelha (1982), Eagleton (2007), Kramer (1979) e Millgate (1994), para citar alguns, podemos perceber que os temas sempre voltam à questão do pessimismo: a dificuldade da vida, os obstáculos para a ascensão social, as restrições e punições da conduta humana e o complexo conflito do homem para entender seu espaço na sociedade vitoriana e no mundo.

Casagrande (1990) e Boumelha (1982), por exemplo, tecem considerações relevantes a respeito da heroína de *Far from the Madding Crowd*. Casagrande (1990) aponta que o amadurecimento da personagem, como a sucessão de eventos da narrativa, desencadeia em Bathsheba uma postura diferente da sua postura inicial, entre outros pontos. Boumelha, por outro lado, discute as diferentes representações das personagens femininas de Hardy, e discute como essas representações incidem na tentativa do autor em não reduzir essas personagens a uma disposição ideológica única e uniforme.

Mesmo tendo recebido diversas críticas sobre suas personagens femininas, os romances de Thomas Hardy não falham em abordar o poder feminino, às vezes falho, ou a sua tentativa. Em seus romances, suas personagens femininas têm vozes e vontades que reverberam ao longo do tempo, e seus questionamentos carregam um peso de reflexão até os dias atuais.

No romance *Far from the Madding Crowd* isso não é diferente. Além da heroína ser uma mulher com posicionamentos e ações firmes, a narrativa ainda consegue abordar questões como papéis emancipatórios, onde os personagens não



se restringem àquilo que lhe é esperado. Discute-se do mesmo modo, os ditadores da moral, a insanidade masculina, assim como o rústico e o rural.

## 2 PERÍODO VITORIANO

O período vitoriano é um momento de extrema importância no espectro histórico. No campo da literatura, são infindáveis os autores que podem ser mencionados. Se tratando de uma literatura fortemente ligada a seu contexto histórico, não há como não mencionar Thomas Hardy.

Este é um período marcado por avanços em várias esferas. Tanto no campo científico, com o surgimento de obras como *A Origem das Espécies* (1859), como no campo da indústria com a própria revolução industrial, o período merece um lugar de destaque. Assim como foi um período de avanço, por outro lado, houve uma grande repressão, principalmente em relação à conduta do ser humano. A moral que regia o período era extremamente rígida, e influenciou em ações calculadas e repensadas. Essa moral estava vinculada a vários fatores, sendo o principal deles, a religião. Apesar de rígida, essa forte crença e construção comportamental dirigida pelo divino, mantinha a sociedade em uma ordem. Quando essa ordem é rompida, os resultados imediatos nem sempre são positivos. Um dos principais temas do autor é justamente este deslocamento do ser humano após perder sua centralidade.

Durante o período, a sociedade inglesa ainda era altamente estratificada, apesar dessas distinções diminuírem até o final do período. Conforme abordado em *Daily Life in Victorian England* (1996), de Sally Mitchell, o próprio conceito de classe, sendo um ponto crucial e muito discutido nos romances do período, era algo difícil de compreender. Ele não dependia apenas da quantidade de dinheiro que alguém possuía, embora dependesse parcialmente da fonte de renda, ele dependia também do próprio nascimento e das conexões familiares, essa última bastante retratada nas obras do autor aqui estudado. Ter uma origem de família nobre era um fator que já delimita parte do seu sucesso.

Os conceitos que definiam essa abordagem, em relação a classes, divergem, mas é importante ressaltar que esse é um ponto muito discutido em seus romances, muitas vezes limitando o total sucesso ou infelicidade dos personagens.

Os vitorianos sustentavam que cada camada social tinha seus princípios, e era esperado que as pessoas se ajustassem a essas normas. Poucas pessoas se

atreveriam a contestar esses padrões. Em muitos casos, tentar além daquilo que sua classe permitisse era um caminho curto para o infortúnio, como ocorre com Judas.

Além disso, nos preceitos vitorianos, havia formas de vida tradicionais, e elas eram ligadas fortemente ao lugar onde as pessoas residiam ou pertenciam. A principal distinção, além da questão óbvia da classe, era a divisão da sociedade rural e urbana. Enquanto a vida na cidade tinha um crescimento rápido, e oportunidades melhores, a vida no campo apresentava aspectos negativos, uma vez que esta foi afetada mais tardiamente pelos efeitos da industrialização. O ritmo de vida no interior diferia da cidade.

Merryn Williams aborda algumas dessas questões em sua obra *Thomas Hardy and Rural England* de 1972. Merryn discute a incrível capacidade de Hardy de relatar e descrever os eventos que estavam transformando a sociedade rural da Inglaterra durante o período da sua vida. Ela apresenta o argumento de Irving Howe, cuja crítica retrata os pontos positivos dessas representações de Hardy. Irving Howe aponta que esse era o mundo de Hardy quando jovem, uma Inglaterra antiga. Ele a define como rural, tradicional, fixada nos antigos costumes, rituais e discursos do interior. Hardy consegue salvar esses costumes e rituais que estavam desaparecendo, ao retratá-los tão em seus romances.

Merryn ainda argumenta que nas obras de Hardy é possível perceber os profundos conflitos que existiam na sociedade rural, muito antes do Industrialismo mudar a face da Inglaterra. A vida estável no interior não existia mais, e é perceptível o enfraquecimento dos costumes antigos e das tradições locais. A representação da vida rural que Hardy apresenta em seus romances pertencem a uma Inglaterra já inexistente. Como A.J. Guerard sugere que esse universo representado por Hardy pertencem a “uma estável e feliz Inglaterra antiga”.

Outro ponto de discussão é a uma clara distinção, por exemplo, na percepção das mulheres do campo e da cidade. Enquanto as mulheres da cidade eram mais inteligentes e “vivas”, considerando o contexto que viviam, as mulheres do campo eram vistas como ingênuas e de fácil manipulação. Esse ponto é abordado por Hardy quando questiona certas posturas de Bathsheba no romance, argumentando que ela não apresenta uma postura de mulher do interior. Por tentar controlar o olhar masculino, por exemplo, é possível perceber que Bathsheba tentava manipular, e

não era manipulada. Bathsheba não ocupava um lugar inferior em relação a essas ditas mulheres da cidade, ela sabia se portar de uma forma diferente.

Além da questão financeira, outro ponto que influencia na diferenciação das classes é a educação e a sua ocupação. Conseguir ascender socialmente era o ponto-chave para a mudança da percepção de vida.

Nos interessa entender, também em relação a este período recai no que fundamentava os regimes morais da época, e como a educação, o casamento e a igreja influenciavam nas atitudes dos indivíduos, sobre precisamente as mulheres.

Compreender o papel que as mulheres tinham neste período nos ajuda a entender certas atitudes da personagem a ser estudada mais adiante. *The Women of England: Their Social Duties and Domestic Habits* foi um best-seller de Sarah Stickney Ellies publicado em 1839, e é um exemplo dos muitos manuais de conduta que regiam o pensamento da época. Nesta obra, Sarah define o que era considerado como a “ideologia doméstica”, uma teoria que definia os papéis dos homens e mulheres da classe média vitoriana. Essa ideologia apresentada por Sarah e vários outros autores do período colocava a mulher, como o próprio título da obra sugere, na esfera doméstica apenas. Ela acreditava que o objetivo maior de uma mulher era casar e criar seus filhos. Considerando esta concepção, era muito difícil para a mulher encontrar algum valor fora de casa, por isso elas depositavam no casamento todas as suas esperanças de uma mudança de vida.

No trecho abaixo, temos um exemplar dos manuais de conduta, voltando justamente na conduta das mulheres e como elas deveriam ser educadas ainda enquanto meninas. Focava-se no ensino de práticas domésticas, e essa era a “ciência” que as mulheres deveriam dominar, uma vez que a família dependia delas para se vestir, manter-se confortável e saudável.

#### WOMEN'S DOMESTIC DUTIES: WHAT GIRLS WERE TAUGHT

Domestic Economy is the science which teaches the right management of the family home. The rightful home manager is a woman. On her the family depend for food, clothing, cleanliness, and comfort necessary to health; and for the good nursing necessary in sickness. This science, which belongs specially to the education of girls, is of more importance than all the other arts and sciences put together. From well-managed homes go forth happy, healthy, wise, and good men and women, to fill every position in the world. If a country were made up of such homes, it would be a nation healthy and

happy, noble and good, wise and prosperous. The influence and power of girls are, therefore, enormous. They have more to do with success or failure, happiness or misery, learning or ignorance, than kings, statesmen, philosophers, philanthropists, and clergymen. Domestic Economy: A Class-Book for Girls. (London: T. Nelson and Sons, 1876).

O trecho menciona a influência e o poder que essas mulheres tinham, uma vez que era implicado em todo o sucesso e felicidade do lar. E esse poder e influência eram enormes.

Muitos romances e escritores da época tratam desses temas, seja no âmbito do casamento ou da educação. O espaço que a mulher ocupava, nesse período, era bem delimitado. Suas ações, os lugares que deveria frequentar e até a forma de reação perante determinadas situações eram bem estabelecidos perante a sociedade. Manuais de condutas eram comuns na época, podemos citar novamente como exemplo aqui os manuais de Sarah Ellis (1845), cujas obras já nos apontam os 3 lugares que a mulher ocupava naquela época: filha, esposa e mãe. Esses exemplares nos indicam que a mulher só apresentava algum valor em relação ao outro. Em relação a sua família, era uma filha obediente. Em relação ao seu casamento, e se conseguia manter sua vida conjugal de forma digna. E por fim, se ela possuía a capacidade de gerar e criar seus filhos também de forma íntegra.

O comportamento em lugares públicos, o respeito à igreja e seus valores, a própria conduta era conduzida socialmente de uma forma muito rígida. Transgredir esses comportamentos pré-estabelecidos trazia um grande risco para a vida pública da mulher. Ela poderia ficar sem marido, sem um lar, e conseqüente sem filhos. Não cumprir com essas demandas era o suficiente para configurá-la como indecente.

Considerando a posição social das mulheres, podemos destacar, dentre tantas obras, esses manuais de conduta. Mulheres deveriam ser subordinadas, inferiores e subjugadas. Seu poder de ação era delimitado pelas forças masculinas, seja de pai ou de marido, ou em alguns casos, do próprio irmão. Era necessário se fazer presente uma figura masculina.

Os romances de Hardy exploram precisamente essas diferentes esferas sociais, e como elas atuam. A sua abordagem quase cruel dos eventos que sucedem à maioria dos seus romances, faz com que o autor seja considerado um autor pessimista. Entretanto, o seu pessimismo não era o seu foco principal, mas

sim os agentes e eventos que levaram a este estado. Vários estudos apontam para esse pessimismo. Merryn Williams, por outro lado, refere-se a esse pessimismo como uma inabilidade de seu público em enxergar o seu objetivo principal. Essa incompreensão faz com o que o autor interrompa a sua carreira como romancista. Merryn Williams (1972) defende que é compreensível entender a razão do autor abandonar sua escrita de romances. Os vitorianos queriam que ele continuasse a escrever romances mais leves.

It is very understandable that he should have felt like this, for the great majority of contemporary critics had abused or failed to see the point of his most important works. The Victorians wanted him to go on and on writing novels like *Far from the Madding Crowd*/ which one critic called a 'picturesque romance of rural life. (WILLIAMS, 1972, p. 8)

Eles não aprovaram os seus últimos romances, e não os levaram a sério pois eles queriam reduzi-lo a um escritor que atendesse a massa, dando suporte às visões mal interpretadas e convencionais de como era o interior da Inglaterra.

A transgressão moral que Hardy cometia ao confrontar essa moral, e abordar assuntos e personagens como Tess em *Tess of the d'Urbervilles* (1891) nos faz entender a resistência que o autor encontrou nos seus últimos romances, resistência tão grande que faz ele desistir de escrever romances. Essa recepção positiva que o autor teve com seus primeiros romances acontecia, pois ele se mantinha, mesmo que em partes, as delimitações que se esperavam do bom romance vitoriano. Quando essas expectativas já não eram cumpridas, a rejeição se tornou evidente.

Em geral, os vitorianos preferiam que sua arte fosse edificante e não deprimente. Uma época bastante agitada com tudo o que estava acontecendo, desde as revelações geológicas de uma era não-bíblica do universo até a ameaça de uma revolução política, esta época se voltava para sua literatura buscando consolação e não subversão. A função da arte era gerar leveza e agradabilidade e não criar truculência e discórdia. [...] Os romances deveriam terminar com um casamento, com a alegre descoberta de um parente próspero e há muito tempo afastado, com a derrota dos vilões e com a perspectiva de netos de rostos corados, e não com uma jovem enforcada pelo governo (Tess) e um homem amaldiçoado, em seu leito de morte, o dia de seu nascimento (Jude). (EAGLETON, 2007, s/p).

Ainda de acordo com Paganine, ressaltamos e lembramos das críticas que Hardy recebeu ao tentar publicar Tess e Judas. O conteúdo dessas obras era escandaloso para os padrões vitorianos, pois abordavam o questionamento ao

casamento e suas informalidades, os filhos que ocorriam fora do casamento, e a hipocrisia da rigidez no controle do comportamento feminino. Porém, essas foram suas últimas obras, antes disso o autor já havia publicado outros romances não tão transgressivos.

Thierry Goater em “The Return of the Native de Thomas Hardy: Eustacia Vye ou o Bovarismo Encarnado no Wessex” faz um comentário interessante a respeito dessa hipocrisia vitoriana ao analisar a personagem Eustacia Vye do romance O Retorno do Nativo. Ele comenta que:

“O tema da mulher adúltera permanecia subversivo porque, evocando tabus, como o do desejo feminino principalmente, ele contribuía para sacudir as convenções sociais, sempre bem ancoradas na época vitoriana”. (GOATER, s/p., 2016)

Em suma, as obras de Hardy faziam exatamente isso. Evocava tabus e sacudia as convenções sociais da época, em muitas vezes de forma trágica, dando aos seus personagens fins tão cruéis que é difícil não fazer de fato questionamentos onde se ampara toda essa crueldade.

Considerando alguns aspectos desse período, como as principais instituições da época, focamos a análise em três personagens principais para compreender como essa recepção diferia em relação a elas.

A história é protagonizada por Bathsheba Everdene, uma mulher de espírito livre que, ao ascender socialmente, consegue colocar em prática muitas de suas ações que, caso contrário, nunca teria essa possibilidade, dada a situação das mulheres na época.

Depois temos Liddy, sendo sua governanta, que apesar de conviver com Bathsheba diariamente, não consegue se libertar dos padrões pré-estabelecidos socialmente, e, ainda, vê-se fadada a encontrar em um casamento a única forma de ser genuinamente aceita. Ela vê em Bathsheba uma mulher independente, mas sabe que essa independência não se estende a ela. E por fim temos Fanny Robin, que sofre as mais terríveis consequências mesmo tentando agir conforme o esperado. Fanny age dentro de todas as expectativas, e tenta cumprir com elas, porém isso não é o suficiente para impedi-la de encontrar o infortúnio. O destino

cruel que Fanny Robin nos remete em alguns momentos a insensibilidade e indiferença do mundo externo com a dor humana, retratada tão bem por Hardy.

A relação das personagens destacadas aqui com essas instituições é bem clara. Fanny Robin constata no casamento a única forma de sair da miséria. E ela tem a segurança em si de conseguirá.

A governanta de Bathsheba, por outro lado, não cogita em nenhum momento escolher alguém, a primeira pessoa que lhe oferecer a mão teria sua palavra. Bathsheba, por outro lado, parece brincar com a sorte de um casamento que ditaria perante a sociedade seu valor como mulher.

Fanny segue à risca aquilo que lhe é esperado, e mesmo assim tem um fim trágico. Obedecer rigidamente às normas morais do período não foram suficientes para salvá-la das tragédias que a cercam. Aqui recai uma das grandes tragédias, ironia e hipocrisia do romance, ela cumpre com seu papel e segue as normas, acredita firmemente naquilo que faz, e mesmo assim não consegue mudar sua situação.

Em *A Hardy Companion: A guide to the works of Thomas Hardy and their background* (1968) esse assunto é tratado de forma clara quando é discutido o infeliz destino de outra personagem sua, Elizabeth-Jane de *The Mayor of Casterbridge* (1886) cujo curso de vida parece inescapável a tragédia, e assim como muitas heroínas do autor, “*she is really caught in a network of circumstance that seems unpredictable and inescapable*”. (PINION, 1968, p. 42)

Seja por força do destino, fatores de origem externa, pressão social, ou pequenas coincidências, a grande maioria das heroínas hardianas acabam encontrando o mesmo fim.



### 3 HEROÍNAS HARDIANAS

De Tess a Sue, as heroínas hardianas têm sido foco de estudo pelos trágicos eventos que lhe sucedem, sua incapacidade de ação em uma sociedade tal qual era a sociedade vitoriana, e frustrações ocasionadas por esses fatores.

Impulsivas, irracionais, porém intrigantes em suas ações e pensamentos, assim são classificadas a maioria de suas heroínas.

Pratiwi em *Woman as a rational being in Thomas Hardy's Far From The Madding Crowd* (2017) destaca que Hardy fez seus leitores reconsiderarem as convenções estabelecidas pela sociedade a respeito da relação entre o homem e a mulher.

Em seus romances, Hardy geralmente tenta mostrar suas visões complexas em relação à mulher, tentando romper com a dualidade em que era proposta, onde as mulheres só poderiam ocupar o lugar de arrogante ou ingênua, ator ou vítima. Ele estende um pouco de sua empatia para com a situação em que as mulheres se encontravam naquele contexto.

Os romances dele tendem a representar personagens, principalmente femininas, que não ocupam apenas um papel fixo e imutável ideologicamente. Ao alternar esses papéis, Hardy oferece a seus personagens uma possibilidade de mudança. Nem sempre essas mudanças são bem-sucedidas, porém já podemos perceber um avanço. Quando o autor não oferece a suas personagens apenas um papel fixo, ele possibilita que elas amadureçam, e se transformem em versões que elas mesmas consideram importantes.

Da mesma forma que Bathsheba, muitas das personagens de Hardy iniciam sua vida de uma forma ingênua e impulsiva, mas acabam se tornando maduras e responsáveis, por vezes, até cedendo às imposições sociais. É o caso de Sue em *Judes, the obscure* (1895) que após viver um romance fora do casamento, retorna ao seu marido mesmo sabendo das circunstâncias que a levaram a sair dele, no primeiro momento. Sue tenta durante toda a narrativa justificar seus atos, e tenta ouvir suas próprias razões para tal, porém a imposição dos valores morais da época

aparenta ser mais fortes, e ao final, ela cede. Nesta obra, fica evidente que era mais confortável e fácil se adaptar às pressões sociais do que tentar mudá-las.

Seus dois romances mais famosos, *Judes, the obscure* (1895) e *Tess of the d'Urbervilles* (1891) abordam questões de classe, educação, religião e casamento, assim como questionam os valores morais da época. Muito tem se estudado e analisado em relação a essas duas obras. *Judes* e *Tess* tem sido foco de análise e crítica desde o seu lançamento até os dias atuais, e as temáticas abordadas nesses romances ainda são relevantes para discussões atuais.

Katharine Rogers defende em “Women in Thomas Hardy” que Hardy se distingue entre romancistas por sua simpatia universal. Ela argumenta que ele repetidamente construía seus personagens e enredos para demonstrar sua simpatia com as mulheres e sua consciência das desvantagens que a sociedade imputava a elas. Em *Far from the Madding Crowd* isto é perceptível, seja por comentários do narrador como comentários de outros personagens. Existe sempre alguma voz que retrata essa empatia do autor com o trágico na vida de seus personagens.

Os romances de Thomas Hardy têm como cenário principal Wessex. Jennifer Wicke discute no capítulo *Commercial*, que Wessex é majoritariamente rural e agrícola, mas possui vários mercados, e muitos dos seus romances representam a tradição rural do mercado de feira que resistiu às mudanças de época.

His pseudo-imaginary county of Wessex is largely rural and agricultural but contains several market towns, and many of his works feature the surviving rural tradition of the market fair as a pivot of their action. These traveling market fairs were held at regular intervals in the larger towns – thus their name – and drew people from far-flung villages to join in trading their wares or foodstuffs, at the same time as they enjoyed entertainments like music, dancing, games, and festivals. (WICKE, 2014, p.267)

Aquilo que nos interessa neste estudo, compreendendo a representação e recepção dessas obras mais difundidas, é demonstrar como o autor possui heroínas que não são fáceis de serem analisadas e nem classificadas. Muitas de suas personagens possuem um grau de complexidade muito interessante de ser abordado, que fogem dos padrões fixos das heroínas vitorianas, e nem por isso deixam de fazer parte deste universo.

Ainda de acordo com Pratiwi (2017), era esperado das mulheres deste período que fossem dependentes e submissas (Dewi, 2004). Bathsheba não se encaixa nessas classificações em praticamente nenhum momento. Podemos entender por que isso acontece mais tardiamente.

## 4 FAR FROM THE MADDING CROWD

### 4.1 BATHSHEBA EVERDENE

*Far from the Madding Crowd* é o quarto romance do autor, e o 1º a receber notoriedade. O romance é dividido em 57 capítulos, cujos títulos e subtítulos nos apresentam ao principal evento do capítulo. *Far from the Madding Crowd* foi publicado em 1874, dividido em 2 volumes.

Ele apresenta as principais características daquilo que mais tarde consolida-se como um romance tipicamente hardiano. Existem traços bem sutis, porém presentes do seu pessimismo. O romance possui descrições detalhadas do seu cenário, e da sua natureza que acaba se fundindo com as descrições dos próprios personagens.

Apesar do título remeter ao conceito romântico de um lugar de quietude, ele não é recebido desta forma. Grande parte dos títulos das obras do autor remetem a uma certa hipocrisia, e neste caso não é diferente. Ronald Blythe (2012), em seus comentários finais desta edição escolhida para análise, aponta que este título é questionável para um romance que trata de turbulências em um contexto considerado tradicionalmente passivo.

Essas descrições e comparações entre a natureza e os personagens acontecem em vários momentos, e em muitos eventos delimitam o tom em que essas situações acontecem. Um exemplo dessa comparação aparece ao final do romance quando Bathsheba é comparada a primavera, e como o seu amadurecimento ao longo do romance nos remete aos ciclos de renovação da natureza em si. "Bathsheba revived with the spring". (HARDY, 2012, p. 433)

O título *Far from the Madding Crowd* se origina do poema "*Elegy Written in a Country Churchyard*" do famoso poeta do século XVIII, Thomas Grey. A alusão que Thomas Hardy faz a esse poema evoca a cultura da vida do interior da Inglaterra, que no tempo de Hardy estava ameaçada por conta do avanço da industrialização.

O lugar de destaque que esse romance é colocado se justifica por algumas razões. Além de ser o seu primeiro romance que ganha notoriedade, são abordadas

ao longo do romance situações um pouco incomuns para a época, especialmente considerando a personagem principal, Bathsheba Everdene.

Neste romance, Bathsheba consegue agir impulsivamente e livre, mesmo sendo cercada por um ambiente hostil. Em muitos momentos que serão citados posteriormente, percebe-se que Bathsheba merece um lugar de destaque dentre as personagens femininas de Hardy, assim como o romance em si. Apesar de ser um romance inicial, nele percebemos que existem momentos de transgressão cujos personagens conseguem agir e pensar fora daquilo que lhes era estipulado.

Esse rompimento com algumas normas e convenções sociais da época, fazem de Bathsheba uma personagem interessante e sagaz. Bathsheba se desprende da maioria das amarras sociais, enquanto as usa quando necessário e ao seu favor. Ela sabe agir de uma forma que aqueles que possuem maior intimidade percebam sua audácia, ao passo que aqueles que a observam de longe não conseguem perceber quando sua sutileza acaba e sua ousadia inicia.

Ela tenta, e em alguns momentos consegue, controlar a visão dos outros sobre a sua própria vida e suas ações. Bathsheba tenta gerenciar sua conduta tanto privada quanto pública de forma que pouco pode ser dito sobre sua vida.

Dentre as várias temáticas abordadas pelo autor neste romance, o principal foco desta narrativa aparenta ser a importância da conexão e entendimento por parte do homem, do mundo natural. E como este mundo natural, em momentos, parece ser indiferente ao sofrimento humano.

Vários estudos apontam essas singularidades relacionadas a personagem de Bathsheba Everdene. Linda M. Shires (1991), por exemplo, refere-se à questão de gênero e poder no texto "Narrative, gender and power in *Far from the Madding Crowd*". Ela discute que Bathsheba é uma personagem que não deve ser analisada apenas à luz de seus pretendes. Bathsheba, na sua trajetória, passa por situações e eventos complexos que acabam confundindo os papéis estereotipados de gênero e as relações que poder que perpassam por eles. Bathsheba não se encaixa em papéis típicos da época, e nem seus pretendes são totalmente homens dominantes, ao longo da narrativa esses papéis são trocados.

Shires defende que enquanto Hardy se utiliza de 3 personagens masculinos para descrever diferentes características do homem estereotipado da época, Bathsheba por si só já engloba essas várias características, por isso a importância e destaque desta personagem. Hardy consegue englobar em Bathsheba diferentes características das típicas mulheres vitorianas. Ela apresenta traços de ingenuidade, ao mesmo tempo que transcende sua posição enquanto mulher em uma sociedade dominada pelo masculino. Bathsheba percebe em que momentos sua ousadia será bem-vinda, e em que momentos é melhor apresentar um comportamento sútil.

Hardy consegue, neste romance, e com esta personagem, também desprender Bathsheba do seu papel estereotipado. Ela acaba, por conta disso, sofrendo uma crise de gênero, pois os moldes apresentados a ela até então não lhe servem, ao mesmo tempo que ela não sabe definir sozinha seu papel nas posições que ocupa, ao serem majoritariamente masculinos. Esse conflito da personagem aparece em vários momentos, como um deles quando ela é confrontada por Boldwood sobre seus verdadeiros sentimentos por ele. Ele a questiona perguntando se ela o respeita ou gosta dele, e ela prontamente responde que não sabe, por ser muito difícil para uma mulher definir seus sentimentos em uma linguagem feita pelos homens para expressar os seus.

Shires ainda discute alguns pontos sobre críticas feministas, alegando que isso poderia ocasionar um “sexismo reverso”. Ela cita Michele Barret que defende que “uma análise de ideologia de gênero na qual mulheres são sempre inocentes, sempre vítimas passivas do poder patriarcal, é patentemente não satisfatório”. É preciso considerar esse argumento quando tratamos de Bathsheba em relação a outros personagens de Hardy. Hardy quase sempre é analisado justamente a partir desses pressupostos, onde suas personagens são sempre vítimas, e não é isso que acontece com Bathsheba. Ela enfrenta ocasiões específicas que quase a fazem cair neste lugar de vítima, entretanto, ela consegue superar a grande maioria das adversidades justamente por não se colocar neste lugar.

Outro argumento interessante trazido pela autora trata da tentativa de Hardy documentar e retratar, nas suas obras, a sua descrença em relação à teoria dialética de poder onde um gênero oprime o outro. Para Hardy, essa ideologia de poder estava mais relacionada à alternância de poder, assim como era obtida e perdida,

por meio de múltiplas negociações que atravessam gênero, idade e classe em um mundo que, segundo ele, era inconsistente e ilógico.

Shires discute também de que maneira o gênero e poder não estão necessariamente alinhados neste romance. Ela defende que ao contrário das leituras e críticas “feministas” alinhadas com o poder do masculino e a vitimização feminina, a representação de Thomas Hardy é mais sutil, instável e heterogênea.

Linda M. Shires apresenta uma comparação interessante. Ela defende que alguns traços do personagem Gabriel Oak, como sua passividade, modéstia e paciência, pertencem ao papel que os vitorianos atribuíam ao gênero feminino. Ao contrário de outros personagens do próprio autor, Oak tenta reprimir o desejo masculino. Ele não se encaixa na maioria dos atributos ditos masculinos da época. Gabriel não tenta dominar Bathsheba, nem reduzir seu papel em relação aos outros, ele permite que Bathsheba trace seu próprio caminho, apenas a aconselhando quando necessário e pedido.

Bathsheba ainda ironiza, logo no início da narrativa, que Gabriel não seria um bom pretendente, pois nunca poderia domá-la. (HARDY, 2012, p.37)

Os papéis de gêneros fixos que oprimem mulheres, principalmente quanto a inferioridade de classe, como acontece com Fanny Robin, são relevantes. Mas atribuir essa relação de poder com o sexo masculino, e vitimizar o sexo feminino, simplifica demais essa relação.

Neste texto, segundo Shires, Hardy questiona não apenas as construções convencionais de masculinidade, mas também as construções de feminilidade. Assim como Gabriel Oak apresenta atributos típicos do feminino, Bathsheba apresenta uma postura firme e decidida comum aos personagens masculinos. Ironicamente, isso faz com que Gabriel e Bathsheba encontrem um “terreno” comum para sua relação. Gabriel possui aquilo que falta em Bathsheba, e Bathsheba possui aquilo que falta em Gabriel.

A autora ainda menciona que apesar de outros críticos analisarem o texto a partir do seu final, que geralmente deveria terminar em um casamento controlado pela figura masculina, este romance apresenta um final um tanto quanto problemático. O casamento acontece, porém, nos moldes que Bathsheba deseja. As

razões que ela menciona no início do romance são concretizadas aqui. Ela se casa, porém sem dar a sociedade uma satisfação muito grande. Ela faz questão que seu casamento seja feito de forma simples e sem público. Bathsheba exige que poucas pessoas se façam presentes agora. Gabriel concorda passivamente com todas as suas condições, e em momentos aparenta nem se sentir merecedor de tal posto.

Apesar do casamento, o restante da narrativa não consegue encaixar Bathsheba na esfera doméstica, pelo contrário, remove e em momentos até nega o acesso dela a papéis associados a papéis típicos da mulher vitoriana, como a de esposa, viúva, noiva e mãe.

Ao permitir a Gabriel Oak uma posição um pouco menos inferior, ao mesmo tempo que permite a Bathsheba a contraditória posição de poder e dependência feminina, Hardy nega poder e sexualidade a ambos os sexos.

Por fim, a autora trata que essa foi a solução encontrada por Hardy para lidar com a questão do gênero. Ao ter retratado Bathsheba como forte ao mesmo tempo, feminina, uma fazendeira e esposa, porém não mãe, Hardy relativiza o papel da mulher na esfera doméstica. Uma mulher deveria ter menos influência e poder no seu lar? Ou deveria ter mais independência? Ou a mulher deveria ser totalmente livre desse papel? O questionamento final que esta obra levanta é a seguinte: O que uma mulher, nos moldes esperados no final do século XIX?

Certamente os moldes apresentados nesta obra em relação a Bathsheba são limitados, porém, ela não escapa às comparações. Bathsheba critica o comportamento estereotipado dessas mulheres, e mais tarde reconhece que também não consegue fugir delas. Ela enxerga no casamento, uma negociação perigosa, mas o cumpre ao final do romance, mesmo assim. Ela não se compara imediatamente ao perceber certos comportamentos típicos femininos da época, porém percebe que eles não se limitam a apenas esses atributos apontados e reconhecidos por ela. Existem outros, que talvez ela possua, que também podem ser alvos de julgamentos.

Em outro estudo interessante, Daniel R. Schwarz em *Critical Approaches to the Fiction of Thomas Hardy*, discute no capítulo *Beginnings and Endings in Hardy's Major Fiction* a relevância que os inícios e fins das narrativas de Hardy possui. Ele



aponta que é no início dos capítulos que o narrador cria para os seus leitores o universo onde o romance irá acontecer.

As aberturas proféticas de Hardy parecem prenunciar os temas principais. Em *Far from the Madding Crowd* o final cumpre com as profecias dos primeiros capítulos.

O movimento mais significativo do romance não é o desenvolvimento da consciência moral dos personagens, mas como esses personagens lidam com essas expectativas externas, e como essas pressões acabam acarretando uma possível perda da vitalidade emocional e mental. Vários personagens apresentam essas características, mas para ser justo ao nosso foco de estudo, voltemos nossa atenção às personagens femininas.

Bathsheba apresenta no início da narrativa uma personalidade forte e aparentemente indomável, no decorrer dos eventos, ela acaba restringindo seus pensamentos e suas ações. Quando percebe que suas ações possuem consequências, ela entra em conflito, pois sempre sentia a necessidade de ter suas vontades atendidas. E quando isso não ocorre, Bathsheba questiona não apenas o ambiente que está presente, ou as pessoas que lhe cobram opiniões, mas questiona a si mesma, e como suas versões antigas são ingênuas. Ela acredita sempre saber o melhor curso para sua vida, desde o início quando recusa a proposta de Gabriel, e mais tardiamente de Boldwood, e quando percebe que apresenta em si comportamentos que sempre julgava em outras mulheres, ela entra em crise com si mesma.

Ainda de acordo com Daniel, Hardy é o primeiro romancista inglês que rejeita o mito convencional de um universo benevolente. Quando tratamos de um romance vitoriano, temos a expectativa de encontrar refletido em suas obras o preceito moral da época. E com uma sociedade extremamente voltada à religião, era esperado que isso se mantivesse bem presente. Porém, essa crença acaba sendo refutada em grandes momentos pelo autor aqui estudado. As obras acabam tendo um contraponto quase extremo. A religião deixa de ocupar a posição central na vida do ser humano, e ao invés de tentar abordar essa descentralização como uma liberdade, ele acaba abordando como um abandono. O ser humano, Deus, e o universo agora não estão mais conectados, e cada um age dentro da sua própria

sorte. Aquilo que antes se acreditava ser o fator que motivava as ações dos seres humanos, agora acaba sendo indiferente.

Este romance consegue abordar a relação da sorte, oportunidades, e a responsabilidade moral dos seus personagens. Questionamentos surgem em uma primeira leitura considerando as temáticas comuns do autor, como tentar entender qual a razão de se viver uma vida moralmente correta, se eventos trágicos podem vir acontecer em qualquer momento e atingir a todos igualmente? Por que uma sociedade, tal como era a vitoriana, se preocupava tanto com normas sociais se o destino parecia ser indiferente a isso? Essa indiferença do universo, Deus e natureza em relação ao sofrimento humano ocupa bastante espaço em suas obras, assim como nesta.

Quando Gabriel perde todo seu rebanho de ovelhas por um mero descuido, quando Fanny perde sua oportunidade de mudar de vida; pois confunde as igrejas, e quando Bathsheba incita o desejo de Boldwood sem medir as consequências dessa ação, ocasionando sua morte indiretamente, podemos perceber essa indiferença.

De acordo com Michael Millgate, em *Thomas Hardy: His Career as a Novelist (1994)*, Thomas Hardy nunca foi tão pródigo na exploração humorística ou diálogo rural como neste romance.

“Far from the Madding Crowd includes, often in close juxtaposition, a profusion of natural and domestic disasters, mysterious disappearances and dramatic reappearances, the opening of a coffin, a revenge-murder, and a last-minute reprieve from gallows. It is little wonder that Hardy could write to Frederic Harrison in 1901 that Far from the Madding Crowd had “a growing tendency to appear as the work of a youngish hand, though perhaps there is something in it which I could not have put there if I had been older.” (MILLGATE, 1994, p. 80)

A dinâmica com a qual essas questões são abordadas se apresenta desde como certos personagens se portam até a indiferença do mundo natural em relação às tragédias da vida humana. Enquanto Gabriel Oak, por exemplo, tem uma postura responsável e madura, o Sargento Troy vive a seus impulsos, incapaz de calcular as consequências de seus atos, e em alguns momentos até indiferente a essas consequências. Mesmo assim, Gabriel é colocado em uma posição inferior, e sofre

muito mais do que Troy. Tanto Troy quanto as pessoas com que ele convive, parecem indiferentes às ações inconsequentes do mesmo.

A influência principal para que Thomas Hardy esboce tais questionamentos surge de Charles Darwin, que mantinha a ideia que o desenvolvimento do ser humano, assim como da sociedade, era moldada pelas oportunidades e não por algum projeto divino. Retirar o divino do centro da vida humano, inicialmente aparentava ser libertador, e em partes era, porém na sua maioria, não ter uma justificativa “superior” para tanto sofrimento era ainda mais cruel.

O principal foco de análise deste estudo são três personagens femininas. O objetivo é contrastar as personagens, principalmente em relação a Bathsheba, à luz do que se era esperado da típica mulher vitoriana.

Bathsheba Everdene, Fanny Robin e Liddy Smallbury são essas personagens. Bathsheba, personagem principal, terá o foco principal, e as restantes serão de uso comparativo para compreender porque as ações de Bathsheba acabam se destacando tanto em relação ao período e quanto a essas duas personagens.

A relação entre as 3 personagens aqui selecionadas perpassa ao longo da narrativa as diferentes perspectivas, posturas e ações e o que elas representam.

Bathsheba Everdene é uma bela jovem na qual a narrativa se centra. Ela tem como principal conflito durante toda narrativa, a difícil decisão de escolher dentre seus pretendes aquele que seja o mais adequado. Uma escolha que, considerando o período, poderia definir totalmente o curso de sua vida.

Além de considerar todas as questões morais da época, Bathsheba ainda precisa se preocupar em como se manter fiel às suas convicções pessoais, uma vez que elas poderiam facilmente se perder, dependendo da pessoa que escolhesse para ser seu marido. Esse conflito a assombra durante todo o tempo, fazendo-a questionar os ditos morais da época, mas também a questionar seu próprio espaço em uma sociedade onde a voz feminina tinha pouco poder. Tentar se manter fiel a si mesma é o dilema que persegue Bathsheba durante todo tempo.

Por se tratar de um romance vitoriano, pode-se esperar que essa relação com seus pretendes seja o ponto crucial para a personagem, porém eles apenas se

acrescentam a tantos outros obstáculos. O romance não se concentra em discutir apenas esses relacionamentos, o ponto central permanece sendo a busca de Bathsheba em se encontrar e se estabelecer nos diferentes espaços ao longo da narrativa.

Sendo a protagonista, ela percorre árduos caminhos para conseguir se manter fiel aos seus instintos pessoais sem perder o prestígio social, e ser tolerada perante a sociedade. Porém, isso faz com que a personagem entre em conflito com ela mesma, se fazendo questionar em momentos importantes.

No início do romance, ela não possui nenhum bem de valor. Ela não possui família, não carrega um sobrenome importante, não possui bens materiais. A única constante em sua vida é ela mesma. Esse detalhe é interessante, pois mesmo não tendo opção de escolha, ela opta por escolher. Ela toma decisões que definem seu futuro, seu casamento. Essa ação de Bathsheba é algo que poucas mulheres na sua situação fariam. Ela não se vê dependente de um casamento ou da aceitação social para sentir-se realizada. Considerando as condições sociais e expectativas em relação à mulher neste período, Bathsheba age como se um casamento não fosse o determinante de seu triunfo, mesmo sendo.

Pouco sabemos das origens de Bathsheba além do seu parentesco ao herdar a fazenda. É interessante observar a postura que Bathsheba apresenta desde início, pois ela não possui bens e nem família. De onde surge toda sua teimosia, firmeza e pensamentos? Não podemos dizer ao certo. Bathsheba age como se possuísse uma vida que lhe assegura essa postura, porém isso não ocorre. Ao não saber ao certo quais são as circunstâncias anteriores a sua vida, nos questionamos se sua resistência surge de algum acontecimento do passado ou se sua postura é apenas um gênio forte. Novamente, não podemos ao certo confirmar essas teorias, porém podemos afirmar que é esse temperamento forte e resistência que faz de Bathsheba uma personagem tão intrigante. Quando Gabriel chega à fazenda pela primeira vez, já tendo perdido sua fazenda anterior, ele questiona quem era o proprietário daquele lugar.

What sort of a place is this to live at – and what sort of a miss'ess is she to work under? Gabriel's bosom thrilled gently as he thus slipped under the notice of the assembly the innermost subject of his heart.

We d'know little of her – nothing. She only showed herself few days ago. Her uncle was took bad, and the doctor was called with his world-wide skill, but he couldn't save the man. As I take it, she's going to keep on the farm. (HARDY, 2012, p. 68)

Ao tecer esses comentários sobre como Bathsheba herda a fazenda, podemos compreender que o pouco conhecimento que temos sobre sua família reside sobre o seu tio, dono da fazenda, que acaba falecendo. Outros comentários são mencionados a respeito da conduta do antigo dono, que é chamado de Fazendeiro Everdene.

Her uncle was a very sort of a man. (HARDY, 2012, p. 68)

Well, a very good hearted man were Farmer Everdene, and I being a respectable young fellow was allowed to call and see her and drink as much as I liked, but not to carry away any – outside my skin I mane of course. (HARDY, 2012, p.68)

Gabriel continua com suas indagações, interessado no passado de Bathsheba.

'And did any of you know Miss Everdene's father or mother? Enquired the sheperd, who found some difficulty in keeping the conversation in the desired channel.

'I knew them a little,' said Jacob Samllbury. 'But they were town folk, and didn't live here. They've been dead for years. Father, what sort of people were Miss'ess's father and mother?

'Well,' said the malster, 'he wasn't much to look at, but she was a lovely woman. He was found enough of her as his sweetheart.'

(HARDY, 2012, p. 69)

Mesmo diante destas informações, pouco sabemos sobre as circunstâncias que levaram Bathsheba a morar com sua tia, apenas somos informados que ela herda a fazenda de seu tio. Os poucos comentários feitos a respeito dos pais de Bathsheba apenas ressaltam aspectos dos relacionamentos dos dois, e como eles formavam um belo casale viviam um casamento feliz.

Mais tarde, quando ela herda a fazenda de seu tio, rapidamente aprende as consequências de suas ações, e como a falta de uma figura masculina ao seu lado coloca em jogo até o valor dos produtos de sua fazenda. Ela percebe que a ascensão financeira e até posição não são suficientes para lhe garantir uma vida plena. Há mais em jogo do que ela acredita até esse momento. Como citado anteriormente, mesmo as pessoas de contato direto com sua família, questionam sua capacidade de gerenciar uma fazenda, e se indagam se ela merece estar em tal posição.

Weatherbury é o local onde acontecem os principais eventos do romance, e onde fica localizada a fazenda de seu tio, que mais tarde ela acaba herdando. Os principais cenários deste romance, além de Weatherbury é Casterbridge, onde ocorre a comercialização dos produtos da fazenda.

Ao analisarmos uma personagem como Bathsheba, podemos destacar alguns atributos específicos de sua personalidade, assim como da sua relação com os outros. Ambos os pontos serão levantados.

O primeiro traço marcante da personalidade de Bathsheba que podemos reconhecer como um contraponto às restrições sociais da época é a sua vaidade. E ao longo da narrativa, ela apresenta um comportamento muitas vezes impulsivo e precipitado. Mas é por intermédio desse comportamento de espírito livre, apoiada pela sua independência financeira, que Bathsheba enfrenta os riscos de perder sua identidade por meio de um casamento.

Essa vaidade de Bathsheba é apresentada pela primeira vez no primeiro capítulo *Description of Farmer Oak*. Neste momento da narrativa, ainda não sabemos que o narrador se refere a Bathsheba Everdene, ela é apenas mencionada como uma mulher que passa por Gabriel Oak. Nesta citação específica, o traço marcante da personagem é o fato dela estar observando atentamente não a natureza à sua volta, ou aos pertences que carrega, mas sim a um espelho. Ela sorri para si mesma, e cora ao ver seu próprio reflexo no espelho. “She simply observed herself as a fair product of Nature in a feminine direction”. (p. 8, Hardy, 2012). Esse primeiro evento nos apresenta a personagem como vaidosa.

É interessante observar a menção da natureza, e como o narrador tenta justificar nela a razão de tamanha admiração. Bathsheba se observa, sendo descrita neste trecho, como um produto da natureza. É possível analisar esta justificação como uma isenção de culpa por parte da personagem. Bathsheba não pode ser culpada por carregar tamanha beleza, e não pode evitar receber atenção por conta disso.

Esse espelho, apesar de parecer irrelevante à primeira vista, nos possibilita entender a principal característica da personagem, da forma mais redundante possível, sua própria imagem refletida e admirada, e como isso nos remete a uma personagem autocentrada.

Neste evento, Gabriel questiona esse simples ato. Não consegue compreender nenhuma praticidade em relação ao uso deste espelho. Ela não está arrumando seu cabelo, muito menos verificando algo no seu rosto, apenas se admirando. Esse pequeno gesto de Bathsheba surpreende Gabriel.

Centrada em sua jornada, a personagem entende a importância que seu posicionamento forte em relação àqueles ao seu redor, e principalmente sobre si mesma. Tratada também como impulsiva, esse poder de se ver diante do julgamento dos outros pode ser um fator positivo considerando seu contexto. Bathsheba não permite que opiniões contrárias mudem suas ações. Bathsheba não teme ser alvo de atenção ou comentários sobre si. Muito pelo contrário, ela aparenta aguardar essa atenção em várias ocasiões.

Sua vaidade é apontada aqui como uma forma de contraproposta às restrições que atuavam sobre a postura das mulheres da época. Vivendo em um ambiente majoritariamente masculino, Bathsheba consegue se manter fiel aos seus posicionamentos, mesmo que eles sejam contestados por aqueles ao seu redor.

Ao final do primeiro capítulo temos o reconhecimento dessa vaidade por parte de outros personagens, reforçando assim a premissa de como essa vaidade é vista aqui como um ato de libertação das concepções sociais pré-existentes. Ainda sem poder econômico ou bens materiais que a possibilitasse um pensamento livre das concepções sociais da época, Bathsheba apresenta uma visão de si mesma que contraria aquilo que se era esperado de mulheres naquela posição social.

Pelos olhos desses outros personagens, a mulher ser admirada por outros é um ato normal e inofensivo. A partir do momento que essa mulher tem consciência de sua beleza, ela passa a se tornar perigosa, e assim seus atributos físicos já não são vistos como beleza, e sim como vaidade. A beleza só pode ser boa se for usada para servir o sexo oposto, a partir do momento em que ela serve a si mesma, isso se torna um problema, uma distorção da própria beleza em si.

Essa vaidade não é apenas consciente do personagem, e sim de Gabriel. Quando Bathsheba se recusa a pagar o valor de 2 centavos da diferença do pedágio para fazer a travessia da rodovia até a propriedade da sua tia, ela é questionada, porém, não o faz. Ela acha injusto ter que pagar um valor tão significativo para um trajeto tão simples, e se mantém firme em não o fazer. O julgamento desses dois homens pouco parece lhe importar.

Gabriel acaba, depois, pagando a diferença para permitir que a moça faça seu percurso, mas não deixa de fazer um comentário. Na conversa entre ele e o cobrador, eles mencionam que apesar de ser muito bela, Bathsheba possui defeitos, e o maior deles, sendo a vaidade. Voltamos a destacar a ideia de que se a beleza for usada de outra forma, ela acaba perdendo seu valor.

Bathsheba além de possuir uma beleza que a destaca, e uma vaidade bem aparente, ela também possui uma consciência de sua posição em relação à sociedade. Isso acaba a diferenciar das demais personagens femininas deste romance. Mas não apenas uma consciência onde ela se questiona sobre as ações que ocorrem, mas também de como esses eventos poderiam ser diferentes. Bathsheba tem consciência que o tratamento que ela obtém da sociedade acontece por ela ser mulher.

Ainda na fazenda de sua tia, que veio para auxiliá-la no início da narrativa, Bathsheba tece comentários interessantes a respeito disso. Ela reconhece o trabalho pesado, que ela, com sua tia, precisam realizar. Agora, ela menciona o fato de como seria bom se elas tivessem dinheiro o suficiente para pagar um homem para realizar esses serviços para elas. "I wish we were rich enough to pay a man to do these things" (HARDY, 2012, p. 17).



No capítulo seguinte, *A Girl on Horseback: Conversation* é mencionada a habilidade de Bathsheba em andar a cavalo, sendo descrita como “her head over its tail, her feet against its shoulder and her eyes to the sky. The rapidity of her glide into this position was that of a king fighter.” (Hardy, 2012, p. 20). Esse fato impressiona Gabriel, que a observa de longe. A validação positiva da personagem só ocorre quando existem comparações a figuras masculinas, como ocorre neste caso.

Ainda nesta ocasião, há novamente comparações entre as atitudes de Bathsheba e a quebra de expectativas em relação a sua posição como mulher. Achando que ninguém a avistava, Bathsheba se ajeita no cavalo de uma forma que, como é mencionado, não se esperava de uma mulher. “She seated herself in the manner demanded by the saddle, though hardly expected of the woman and trotted off in the direction of the Tewnell Mill.” (HARDY, 2012, p. 21).

Bathsheba tem plena consciência de seus atributos físicos, e dos efeitos que eles causam ao sexo oposto. Essa consciência, vista nos padrões da época como algo perigoso, aqui é visto como mais um atributo positivo da personagem, por demonstrar que as ações da personagem não são meramente impulsivas ou inconscientes. Apesar de apresentar uma forte ingenuidade, Bathsheba consegue perceber a força que sua beleza exerce em relação aos homens, e tenta usar isso ao seu favor.

Essa consciência da personagem é evidente em dois momentos nesta ocasião. Quando o narrador menciona que Bathsheba não é uma garota tímida de nenhuma forma, e que dependia dela delimitar aquilo que ela permitia ou não ser visto pelos outros.

Outro traço que ainda se destaca aqui é a comparação das atitudes dela em relação às mulheres da cidade. Seu comportamento não se encaixa nos preceitos esperados as mulheres que viviam no interior, por isso essa comparação.

Ainda neste capítulo, o narrador chama a atenção pela confiança da personagem. “*The self-consciousness shown would have been vanity if a little more pronounced and dignity if a little less.*” (HARDY, 2012, p. 22).

Sua vaidade é apontada aqui como uma forma de contraproposta às restrições que atuavam sobre a postura das mulheres da época. Vivendo em um

ambiente majoritariamente masculino, Bathsheba consegue se manter fiel aos seus posicionamentos, mesmo que eles sejam contestados por aqueles ao seu redor.

O narrador compara essa autoconfiança da personagem nesta ocasião traçando a diferença entre dignidade e vaidade. O fato de Bathsheba encarar Gabriel que o encarava, ciente das razões pelas quais ele realizava, demonstra essa confiança. Ela não apresenta estar insegura com a presença de uma figura masculina. Ainda conforme o narrador, Bathsheba seria mais digna se tivesse menos consciência dos seus atributos físicos, e seria então considerada não vaidosa.

Esse encontro de Gabriel e Bathsheba após ela retornar de seus afazeres a cavalo, proporciona mais alguns conflitos em relação às ações de Bathsheba. Dadas as circunstâncias da época, o encontro entre um homem e uma mulher, sem a presença de qualquer outra pessoa, poderia provocar um “efeito divertido nos rostos virginais nas áreas rurais”. Porém, diante desse encontro e dessas circunstâncias, é Gabriel que se sente envergonhado e não Bathsheba. “Yet it was the man who blushed, the maid not at all”. (HARDY, 2012, p. 22).

Essa inversão de papéis retrata em momentos como esse nos faz refletir sobre como Hardy possibilita a seus personagens ações que normalmente não eram comuns.

Diante dessa situação, Gabriel estava admirado e até um pouco surpreso com a confiança de Bathsheba. Após uma breve conversa com Bathsheba, Gabriel percebe que finalmente consegue uma reação não esperada de Bathsheba. Ela finalmente demonstra uma reação em relação a esse breve encontro. “It was time to see a woman redder who was not given to reddening as a rule.” (HARDY, 2012, p. 23-24).

No próximo encontro dos dois, temos novamente evidente os traços marcantes de Bathsheba sendo mencionados.

Quando Gabriel se encontra em uma situação de quase morte, Bathsheba o auxilia. Sufocado na cabana por conta do fogo que havia acesso para se aquecer, Gabriel desmaia e fica inconsciente. Bathsheba, que ordenhava perto dali, viu o cão uivando e percebeu haver algo de errado.

Após auxiliar Gabriel, Bathsheba novamente parece brincar com as atitudes de Gabriel. Após salvá-lo, Bathsheba recebe um gesto de carinho por parte de Gabriel, ele pede desculpas por largá-la tão rapidamente. Nesta ocasião, Bathsheba brinca com o gesto de carinho de Gabriel e comenta que ele poderia beijar sua mão se quisesse. “But I suppose you are thinking you would like to kiss it? You may if you want to” (p. 28, Hardy, 2012).

Ao final do capítulo, Bathsheba volta a provocar Gabriel que ainda não sabe seu nome, e o desafia a descobrir. “Now find out my name” (HARDY, 2012, p. 28).

Novamente, reiteramos como essas pequenas atitudes de Bathsheba em relação a Gabriel não seriam bem vistas dada a época, porém ela continua a agir desta forma. Neste instante, apesar de ter consciência do efeito que essas provocações causam em Gabriel, ela não tem uma intenção séria de se envolver com ele.

No próximo capítulo, o narrador inicia comentando sobre o fato da única superioridade aceitável no sexo feminino é aquela inconscientemente, uma vez que consciente pode apenas servir para capturar o homem subordinado.

Quando Gabriel visita à tia de Bathsheba, certo de que as ações de Bathsheba perante demonstram real interesse, temos alguns comentários da Mrs. Hurst enaltecendo Bathsheba. Ela comenta que ela é muito bela, e que poderia ter sido uma governante caso não fosse tão rebelde, pois possuía um bom estudo.

O próximo comentário de Mrs. Hurst novamente atribui a Bathsheba destaque. Ela comenta que apesar dela não ter muitos pretendentes, sua natureza atrairia muitos. “Not that her young men ever come here - but, Lord, in the nature of women she must have a dozen”. (HARDY, 2012, p. 33).

Apesar de não haver muita diferença em relação às condições dos dois nesse momento, Gabriel já percebe que não teria muitas chances com Bathsheba.

Após esse breve encontro de Gabriel e a tia de Bathsheba, Bathsheba esclarece alguns pontos. Mesmo sabendo que toda a cortesia de Gabriel acontecia e ela reconhecia, suas intenções nunca foram de fato verdadeiras. Ela ressalta isso quando comenta que nunca havia dito que considerava casar-se com ele. Gabriel parece não entender a situação.

Ainda nesse capítulo, Bathsheba novamente ressalta seu pensamento independente quando aponta que poderia ser pensada como propriedade de um homem. Bathsheba reconhece que apesar de não gostar da situação que se encontra, ou seja, de ser considerada propriedade de um homem, ela reconhece que é assim que a sociedade funciona e isso pode acontecer algum dia.

I hate to be thought men's property in that way, though possibly I shall be had some day. Why, if I'd wanted you I shouldn't have run after you like this; 'twould have been the forwardest thing! But there was no harm in hurrying to correct a piece of false news that had been told you. (HARDY, 2012, p. 34.)

Neste instante, podemos compreender como Bathsheba se destaca ao pensar dessa forma, uma vez que a maioria das mulheres aceitava esse papel sem relutar. Mesmo sabendo que Gabriel não apresentava a tradicional imagem do homem “dominador”, Bathsheba parece não se sentir preparada para encarar um casamento.

Considerando esses aspectos, podemos considerar Gopal (2016), em *Determinism and Pessimism in the Novels of Thomas Hardy* ressalta o conflito da personagem em relação a sua liberdade e o casamento. Ele comenta que ela é considerada uma “não-conformista” pois tenta gerenciar sua própria fazenda e tenta negociar diretamente com homens, algo incomum para a época. Gopal ainda comenta que o autor demonstra uma sensibilidade com Bathsheba em relação a sua posição de mulher numa sociedade como tal, e que o conflito de Bathsheba recai no seu desejo por um casamento onde sua individualidade e independência não sejam “alteradas” e sim respeitadas.

Como é enfatizado por Sally Mitchel (2009) em *Daily Life in Victorian England* sobre a moral vitoriana, o casamento era o ponto central na vida de uma mulher, por isso se entende essa rebeldia de Bathsheba como um ponto positivo nas suas atitudes. Mitchel aponta que o casamento era responsável por estabelecer todos os papéis da mulher, tanto no âmbito social quanto familiar. E até o seu bem-estar espiritual era estabelecido por esse ponto.

“Marriage established her rank, role, duties, social status, place of residence, economic circumstances, and way of life. It determined her comfort, her

physical safety, her children's health, and ultimately—perhaps—even her spiritual well-being.” (MITCHEL, 2009, p. 258)

Bathsheba apresenta, ao longo da narrativa, atitudes que demonstram que sua preocupação com casamento era evidente, mas isso não a impossibilitava de ter algumas atitudes impulsivas. Um desses momentos é quando Bathsheba envia um cartão para Boldwood, seu vizinho e, também, fazendeiro, puramente como uma brincadeira, sem perceber as consequências que isso poderia acarretar. Esse aparente inocente cartão faz Boldwood sentir-se atraído por Bathsheba, e inicia uma sequência de eventos que acabam em tragédia. Ela não consegue, naquele momento, prever o quanto suas atitudes acabam acarretando eventos que fogem de seu controle.

Em *Subverting Orthodoxy: Far From the Madding Crowd*, Rosemarie Morgan (1988) comenta sobre a recepção que uma personagem como Bathsheba Everdene recebeu na época. “*moral criticism advances a strictly Victorian ethic while the imagination holds fast to a romance of the Golden Age.*” (Morgan, 1988, p. 22). As ações de Bathsheba neste romance estão sendo comentadas à luz das expectativas da época, e por isso são questionadas se estão ou não dentro dessas expectativas. No entanto, Bathsheba ainda foi uma personagem bem aceita, pois, a narrativa ainda termina com um casamento, e suas atitudes não afrontam tão fortemente as restrições morais da época como personagens de outros romances, como Sue e Tess ocasionaram.

Ainda neste capítulo, Rosemarie Morgan comenta sobre as descrições serem favoráveis a Bathsheba Everdene, como se, de alguma forma, nem todos os efeitos causados por alguns dos seus atributos físicos lhe atribuíssem alguma culpa. Mesmo que se pudesse implicar a mulheres uma certa pressão por ter ou não a atenção dos outros, em muitos atributos de Bathsheba, a sua percepção é diferente.

A autora ainda ressalta que a beleza de Bathsheba é descrita por Hardy da mesma forma que ele descreve a natureza, comparando assim os dois. Ela aponta que “Bathsheba 's youthful desire is for nothing more natural (nature - like) than to express her vibrant sexuality.” (MORGAN, 1988, p. 23, *Subverting Orthodoxy* )

Em uma das primeiras passagens do romance, Hardy descreve Bathsheba como *'fair product of nature'* (Hardy, 2012, p.5), implicando assim como faz em vários momentos, que Bathsheba é um produto ou fruto da natureza, como se em parte, ela não tivesse culpa de atrair toda atenção que atrai. É interessante ressaltar as comparações traçadas pelo autor com a natureza, pois na maioria de seus romances, a natureza acaba sendo o fator da narrativa que é imutável e indiferente, mesmo que isso não se estenda a personagem.

Ela ainda comenta o momento citado anteriormente, onde ela se admira no espelho com um momento de autoconhecimento dessa beleza. Essa consciência que Bathsheba possui, acaba se tornando perigoso, pois como já foi comentado anteriormente, ela é vaidosa.

This is the Bathsheba of Hardy's opening passages, the 'fair product of nature' (FFMC, p.5), who, taking up her looking glass, perceives for herself that warm creature aglow with the soft heat of her sex. Her feminine sensuousness prompts first a parting of lips then a roseate tumescent glow. (MORGAN, 1988, p. 24)

Morgan continua enaltecendo pontos cruciais sobre Bathsheba. Ela ressalta que mesmo em um ambiente onde havia dominância masculina e seus respectivos privilégios são mantidos, Bathsheba conseguia agir. Mesmo assim, os privilégios que Gabriel Oak encontrou não são possíveis para Bathsheba. Um exemplo que ela coloca aponta em relação ao dinheiro. Enquanto mesmo em trabalhos instáveis, o dinheiro não é um problema para Gabriel, Bathsheba que se demonstra capaz de gerenciar e fazer seus negócios rentáveis, ainda não tem total controle nem direito sobre sua própria renda.

In *Far From the Madding Crowd's* microcosmic Victorian world the inescapable fact of male dominance and privilege is rigidly maintained. The privileges extended to Oak are not at any point extended to Bathsheba. Capital is made freely available to him as an inexperienced new investor, without qualification, supervision or restriction. Yet, Bathsheba, self-evidently capable of managing a profitable concern even under the duress of marital breakdown and Troy's depletion of her resources, owns no legal means for recouping her losses as a married woman whose husband has sole control over her estates. (MORGAN, 1988, p.30)

Sua vaidade é apontada aqui como uma forma de contraproposta às restrições que atuavam sobre a postura das mulheres da época. Vivendo em um ambiente majoritariamente masculino, Bathsheba consegue se manter fiel aos seus posicionamentos, mesmo que eles sejam contestados por aqueles ao seu redor.

Morgan ainda discute as comparações evidentes em relação a Bathsheba e Gabriel. Enquanto Gabriel tem seu reconhecimento pelo seu trabalho mesmo sendo solteiro, Bathsheba só alcança o mesmo quando se casa. Antes disso, suas ações e capacidades não são totalmente validadas. Bathsheba só tem validação por parte da sociedade quando assume um parceiro.

“In contrast, Oak’s sex, youth (or inexperience) and, no doubt, physical good looks, are nowhere brought to bear upon capability. Ironically, despite the disadvantages of being female, young and beautiful, Bathsheba’s success as a single-woman-farmer is undone only when she takes on a male partner; that is, she marries. (MORGAN, 1988, p. 31)

No final do capítulo 3, Bathsheba novamente demonstra uma atitude de provocação em relação a Gabriel. Quando ela salva Gabriel de um incêndio, e após uma breve conversa, ela brinca falando que ele estava provavelmente interessado em beijar sua mão. Ela fala “you may if you want to” (Hardy, 2012, p. 28). E mesmo ele rebatendo, falando que não estava cogitando essa ideia, ela continua a provocá-lo. Nesta hora, Gabriel ainda não sabe o nome de Bathsheba, e após esse evento, ao invés de dizer prontamente, ela fala que ele deveria descobrir sozinho. (HARDY, 1874, p. 28)

A consciência de Bathsheba sobre sua posição na sociedade se mostra aparente em vários momentos, visto como algo positivo, uma vez que ela sabe reconhecer quando sua voz é ouvida ou não. Ao contrário das outras duas personagens abordadas nesta análise, Bathsheba demonstra perceber os códigos morais que a limitavam, e assim ela tenta agir sobre eles.

Por exemplo, quando Gabriel propõe pela primeira vez, ela recusa, porém apresenta uma boa razão, e essa consciência fica evidente. “People would talk about me and think I had won my battle, and I should feel triumphant, and all that. But a husband” (HARDY, 1874, p. 36)

Neste trecho, ela comenta que tem consciência que um casamento faria dela uma mulher triunfante, e que se sentiria bem, mas admitir um marido era uma ideia inconcebível naquele momento. Ela continua explicando que reconhece os benefícios que um casamento traria para ela naquele momento, mas ela ainda não se sentia preparada. Ela sabe das implicações que um casamento apresenta, e as cobranças trazidas por ele, e mesmo assim, o recusa.

Bathsheba continua dizendo que não se importaria em ser uma noiva em um casamento se pudesse fazer isso sem um homem, e como isso não era possível, não poderia seguir adiante.

“Well, what I mean is that I shouldn't mind being a bride at a wedding if I could be one without having a husband. But since a woman can't show off in that way by herself I shan't marry - at least yet.” (HARDY, 2012, p.36)

Além dessas razões práticas, ela ainda comenta que não aceitaria se casar, pois não o amava. Bathsheba está considerando aqui seus sentimentos, algo que a maioria das mulheres em seu lugar não faria. Gabriel, neste instante, até se contenta ao dizer que não se importava e que para ele bastava que ela gostasse dele apenas. Esse primeiro gesto da Bathsheba de recusar uma proposta de casamento logo no início da narrativa já nos aponta como ela é uma personagem totalmente diferente daquelas esperadas para o período, cujo casamento era o alicerce básico de qualquer mulher “bem-vista”.

Mesmo com as insistências de Gabriel, Bathsheba recusa sua proposta, argumentando, por fim, que caso se casasse, gostaria de alguém que a domasse, pois como ela mesma afirma, “I am too independent and you would never be able to, I know”. (Hardy, 1874, p. 36). Agora, Bathsheba consegue reconhecer atributos de Gabriel que permanecem ao longo da narrativa. Apesar das divergências, Gabriel nunca tenta dominar totalmente as atitudes impulsivas e imprudentes de Bathsheba, apenas a aconselha. Bathsheba também parece prever que seu primeiro casamento acaba sendo assim, como ela prevê. Em seu primeiro casamento, com Troy, sua independência é anulada.

Ainda tentando justificar sua recusa, Bathsheba comenta que não possui muitos bens e que seria muito mais viável para Gabriel casar-se com uma mulher



que possua mais capital que ela, o que também acaba acontecendo no final da narrativa. “If you marry at all (which you should certainly not think of doing at present) to marry a woman with money, who would stock a larger farm for you than you have now”. (HARDY, 2012, p. 37)

A vaidade de Bathsheba é apontada novamente nos próximos capítulos. No capítulo 5, *The Fair*, Bathsheba é descrita como muito vaidosa, e que ela é vista dessa forma, pois quando dorme, fica se encarando no espelho antes de se vestir para dormir. (HARDY, 2012, p.50)

As comparações e comentários em relação a sua posição de mulher em uma sociedade contínua. Gabriel comenta com um carroceiro “waggoner” que não conseguiria sequer olhar para uma mulher assim, sendo tímido como ele é. E finaliza que além de ser muito vaidosa, não é casada.

Liddy Smallbury, por outro lado, apresenta uma postura muito diferente comparada com Bathsheba Everdene. Liddy, bisneta do “fabricante de malte” da propriedade, tinha uma idade aproximada a de Bathsheba, e seu rosto é descrito como “a prominent advertisement of the lighthearted English country-girl”. (HARDY, 2012, p. 82).

Essa vaidade e consciência de sua posição numa sociedade gerenciada pela voz masculina, vai se estabelecendo como um ponto forte de sua personalidade. No capítulo 10, quando já está gerenciando a fazenda de seu tio, ela reconhece as adversidades que pode encontrar por conta disso.

Ela aponta que têm consciência que seus empregados não estão acostumados com uma chefia feminina, e que apesar de não dominar totalmente os conhecimentos para tal posto, tentará dar o seu melhor. Bathsheba sempre aponta com clareza com consciência do seu papel como mulher é comparada com a mesma posição caso fosse uma figura masculina.

“Now mind you have a mistress instead of a master. I don't yet know my powers or my talents in farming but I shall do my best, ones among you suppose that because I'm a woman I don't understand the difference between bad goings-on and good.” (HARDY, 1874, p.94)

Bathsheba aponta aqui para ficar claro para seus empregados que não esperem que pelo fato dela ser uma mulher ela não sabe separar a diferença entre as coisas certas ou erradas.

Ela reconhece sua posição na fazenda, e em diferentes momentos ela é capaz de se colocar. Ela tenta se impor dizendo que seu objetivo é surpreender a todos. Antes que alguém questione suas ações, ela já se coloca à frente dessas suposições. “I shall be up before you are awake, I shall be afield before you are up and I shall have breakfast before you are afield. In short I shall astonish you all.” (HARDY, 2012, p.94)

Ainda no capítulo 5, a questão de Bathsheba ser uma mulher e estar gerenciando uma fazenda é abordada. Agora, Gabriel não reconhece de imediato que a mulher é Bathsheba. Logo após o evento do incêndio em um dos celeiros, que Gabriel ajuda a apagar, ele se oferece, por estar a procura de trabalho. Quando questiona quem é o dono da fazenda, ele é surpreendido com a resposta.

“Tisn’t a master; tis a mistress, Shepard”  
 “A woman-farmer?”  
 “Ay a’ b’lieve, and a rich one too” said a bystander.”  
 (HARDY, 2012, p.54)

Dois detalhes surpreendem tanto Gabriel quanto a pessoa que o responde. O fato da fazenda ser gerenciada por uma mulher, e o fato dela ser rica. Ele ainda complementa dizendo que ela herdou a fazenda do tio, que morreu repentinamente.

O reencontro de Bathsheba e Gabriel apresenta uma nova dinâmica na relação dos dois. No último encontro dos dois, Gabriel estava pedindo para casar-se com Bathsheba, e ela decididamente o rejeitou, mesmo Gabriel tendo condições de vida melhores do que ela. Neste momento do reencontro, Gabriel percebe que ao contrário da situação anterior, quem está financeiramente melhor agora é Bathsheba. Após perder suas ovelhas e a fazenda, Gabriel está à procura de emprego, e ironicamente os papéis se invertem. Neste episódio, nenhum dos dois mencionam o fato deles terem sido cogitados a serem marido e mulher, e Gabriel se sujeita a ser apenas um mero empregado.

Gabriel não se sente confortável em confrontá-la ou ao menos lembrar do ocorrido. Ele reconhece que está em uma posição inferior, e se Bathsheba não o quis quando era financeiramente estável, certamente ela não o quer agora.

Apesar disso, na narração percebemos que Bathsheba ainda é querida por ele. “Gabriel and his cold-hearted darling Bathsheba Everdene were face to face”. (HARDY, 1874, p.55)

Mesmo surpresa, Bathsheba não se sente envergonhada pela situação que se encontra, conforme descrito no início do próximo capítulo, *Recognition: a Timid girl*. A relação de Bathsheba e Gabriel nos faz refletir sobre alguns outros aspectos e como a dinâmica final do relacionamento de ambos é de interessante destaque.

Em *Bathsheba 's Visual Estate: Female Spectatorship in "Far from the Madding Crowd"*, Daryl Ogden discute as diferentes percepções que temos de Bathsheba. Ao contrário do que podia esperar, Bathsheba consegue manter ao longo da narrativa, principalmente após ascender socialmente, uma posição de sujeito e não de objeto. O principal foco de destaque de Daryl é apontar que Bathsheba é tratada, inicialmente, como um mero objeto de beleza a ser admirado, e sendo objetivo, ela não possui a capacidade de agir.

Quando Gabriel a encontra no início da narrativa, ele a admira pelos seus traços físicos, mas nada mais lhe é atribuído. Ao longo da narrativa, essa dinâmica se altera.

Quando Bathsheba deixar de ser “rural working class” para se tornar “landowning class”, ela adquire uma independência repentina. Essa independência possibilita, para ela, práticas até então consideradas apenas masculinas. Precisamos considerar que a grande maioria das mulheres, principalmente “countryside women” não possuíam independência de seus pais ou maridos.

Ele ainda destaca que Bathsheba se diferencia daquela perspectiva de uma figura feminina passiva, uma vez que ela mantém consciente seus espectadores, e além de se permitir “ser vista”, é ainda capaz de manipular o olhar masculino. Um exemplo disso é quando manda o cartão para Boldwood onde escrevia “Marry Me”, num tom de brincadeira, justamente por ser ignorada por ele na sua primeira

exposição no mercado de Casterbridge. Esse bilhete faz com que Boldwood torna-se praticamente obcecado por ela.

Segundo o autor, esse ato de não adotar essa postura passiva, torna-se uma estratégia de resistência, contra o olhar objetificador do espectador masculino. Bathsheba não consegue admitir que não conseguiu chamar a atenção deste cavalheiro, mesmo que não tenha razões reais para se envolver com ele. Ela se sente na necessidade de agir sobre isso, e assim o faz como é mencionado anteriormente.

Como já dito anteriormente, é ela que determina o visto do não visto. Esse poder, tratado pelo autor como "exibicionismo", é apenas diminuído quando ela se envolve com Troy.

Bathsheba consegue, ao longo da narrativa, contrariar o discurso vitoriano que existia sobre as mulheres. Esse discurso que sempre colocava as mulheres como passivas e meros objetos aos olhares masculinos.

Ela consegue representar as mulheres que resistiram ao casamento não por conta da classe social em que se encontravam ou bens materiais, mas sim pelo seu poder opressivo. Desde então, essas características analisadas como positivas, são vistas pelos outros personagens como traços não tão positivos de Bathsheba.

No capítulo 9, *The Homestead*, Bathsheba e Liddy conversam sobre suas vidas e seus pretendentes, podemos perceber como são diferentes as visões de cada uma em relação ao casamento. Antes do diálogo das duas, é interessante observar o comentário de outra empregada de Bathsheba, Mary-ann, sobre o casamento. Ela comenta que ela permanece solteira, contra sua vontade, pois ela não aceita os homens pobres que a querem, e os homens ricos que ela quer, não a aceitam. (HARDY, 1874, p.86)

Logo após esse comentário, Liddy indaga Bathsheba sobre sua vida amorosa e seus pretendentes. Ela, logo, presume que vários homens já haviam pedido a mão de Bathsheba, e ela responde e explica sobre sua situação com Gabriel. "A man wanted to once" she said in a highly experienced tone, and the image of Gabriel Oak (as the farmer) rose before her". (HARDY, 1874, p.86)

É interessante observar aqui o fato dela lembrar de Gabriel como fazendeiro, como se a posição que ele ocupasse agora não fosse o suficiente ou digna como antes. O próximo diálogo entre as duas demonstra claramente as percepções diferentes das duas.

“He wasn’t quite good enough for me’  
 “How sweet to be able to disdain when most of us are glad to say Thank you! I seem I hear it. “ No sir - I’m your better” or “kiss my foot, Sir, my face is for mouths of consequence”. (HARDY, 1874, p.86)

Neste trecho Bathsheba reforça novamente a ideia de Gabriel não era bom o suficiente para ela, mesmo antes. E Liddy faz um comentário que evidencia sua expectativa em relação ao casamento. Enquanto Bathsheba nega seus pretendentes sem medo algum, Liddy pensa na possibilidade de que seria grata caso alguém um dia propusesse, e caso isso acontecesse, jamais recusaria.

Conforme apontado em *Far from the Madding Crowd: Bathsheba’s Tale of Resistance to Appropriation* de Shazia Ghulam Mohammad & Abdus Salam Khalis, Bathsheba transgredir as barreiras impostas pela cultura patriarcal, e sua resistência em ser absorvida dentro dessas identidades patriarcais assegura/legitima seu modo de pensar autônomo e independente.

As validações cobradas a Bathsheba recaem sempre na sua posição como futura mulher, e não em ser uma boa administradora, negociante ou fazendeira em si. O seu valor está sempre sendo definido na sua capacidade de ser subjugada por algum homem. O que pesa para a sociedade daquela época é justamente aquilo que Bathsheba não possui naquele momento, o qual é um marido, e o restante aparenta ser irrelevante. Os triunfos de Bathsheba parecem não contar, pois ela não possui um marido.

Esse artigo ainda aponta que o ponto crucial em relação a Bathsheba, durante todo o romance, é justamente a sua vontade de não ser amarrada, subjugada ou sufocada por algum casamento. Bathsheba não odeia o casamento em si, e sim o que ele representa. Ela sabe que um dia irá enfrentá-lo. Ela sabe que precisa disso para um dia triunfar diante de uma sociedade como tal. Bathsheba apenas espera um dia conseguir o fazer dentro de seus termos.

O capítulo 12 inicia destacando a posição de destaque de Bathsheba por ser uma mulher à frente de sua própria fazenda. O título *Farmers: a Rule: an Exception*. Ela enfrenta novamente com uma postura firme seu primeiro compromisso como fazendeira, e é nesta ocasião e momento a primeira aparição pública. Ser respeitada dentro de sua propriedade já seria um triunfo, o que Bathsheba precisa encontrar agora são forças para ser levada a sério como uma comerciante, e isso também a aflige. Felizmente, apesar dos olhares estranhos, Bathsheba triunfa novamente.

“The first public evidence of Bathsheba’s decision to be a farmer in her own person and by proxy no more was her appearance the following market day in the corn-market at Casterbridge.” (HARDY, 2012, p.101)

Os efeitos causados pela presença de Bathsheba no mercado de milho de Casterbridge são percebidos claramente, e a postura de Bathsheba não se altera apesar das adversidades. Bathsheba é a única mulher presente neste mercado. “Among these heavy yeomen a feminine figure glided - the single one of her sex that the room contained.” (Hardy, 2012, p.101)

Novamente, é Bathsheba a única figura feminina neste ambiente dominado pelo masculino. A força de vontade de Bathsheba é posta à prova o tempo todo, mas ela ainda assim consegue se manter atuante e visível. Seu objetivo é ser reconhecida como uma boa administradora, e não como a única mulher no local.

“It had required a little determination - far more than she had at first imagined - to take up a position here, for at her first entry the lumbering dialogues had ceased, nearly every face had been turned towards her, and those that were already turned rigidly fixed there.” (HARDY, 2012, p.102)

Neste ponto do texto, é possível notar que a situação requer mais determinação de Bathsheba do que ela imaginava. Quando ela entra no mercado, todas as pessoas param de conversar, e olham para ela. Assumir uma posição neste mercado, cercado de olhares e julgamentos, é o primeiro grande desafio de Bathsheba a frente de sua fazenda.

Como descrito, ela conhece poucos fazendeiros que estão presentes ali. Mesmo assim, sabendo da posição que havia assumido, ela sabia que precisava se apresentar aos demais fazendeiros e iniciar seus negócios. Assim como o restante, ela carrega nas mãos uma amostra de seus grãos. Ela consegue negociar “no perfeito modo de Casterbridge”.

“But if she was to be practical woman she had intended to be, business must be carried on, introductions or none, and she ultimately acquired known to her by hearsay. Bathsheba too had her sample-bags and by degrees adopted the professional pour into the hand - holding up the grains in her narrow palm for inspection - in perfect Casterbridge manner.” (HARDY, 2012, p.102)

Entre as negociações, Bathsheba sempre deixava que seus interlocutores terminassem suas falas. Quando argumentava sobre os preços, ela se mantinha firme, mas não deixava de ter uma naturalidade em negociar. Havia uma elasticidade na forma que ela conduzia sua postura firme, justamente para evitar que os outros negociantes pensassem que ela era “inflexível”. Mesmo sendo impulsiva e vaidosa, Bathsheba sabia que não poderia deixar uma imagem ruim diante de seus amigos fazendeiros. Sua reputação estava em jogo, e, assim, também estava sua fazenda.

Aos fazendeiros que não a conheciam, restava apenas uma pergunta: quem era essa mulher? Ela é descrita ainda como sobrinha do fazendeiro Everdene's que assumiu a fazenda Weatherbury Lower Farm. A postura de Bathsheba é mencionada quando afirmam que ela prometeu concretizar tudo sozinha.

As conversas sobre Bathsheba continuam ao longo da narrativa, sempre a colocando em evidência. Um dos homens que a observa comenta que é uma pena ela ser teimosa, mas que eles poderiam se orgulhar dela, pois ela alegra o ambiente. Ele ainda comenta que ela é muito bonita, e que logo será escolhida para ser mulher de alguém. Todos esses comentários apenas reforçam que a validação de Bathsheba só virá ao lado de uma figura masculina.

Bathsheba consegue o triunfo que menciona logo no início do romance, mas nesta ocasião ele não está relacionado a um casamento, e sim na sua posição como

administradora da fazenda. “However the interest was general, and this Saturday’s debut in the forum, whatever it may have been to Bathsheba as the buying and selling farmer, was unquestionably a triumph to her as the maiden.” (HARDY, 1874, p.103)

Nos próximos momentos do capítulo, Bathsheba compara sua primeira experiência à frente da fazenda com um casamento. Ela comenta que gradualmente as pessoas vão se acostumar com a sua presença feminina, mas que a situação que havia acabado de passar foi ruim. “But this morning it was as bad as being married: eyes everywhere”. (Hardy, 1874, p.104). Ela parece se incomodar com a atenção recebida, por isso o comentário “eyes everywhere”.

Ainda comentando sobre sua experiência no mercado de Cambridge, ela comenta outro fato que lhe chamou a atenção, o fato de um homem ter sido indiferente a sua presença ali, e isso a incomoda. Esse é o primeiro momento em que Bathsheba toma consciência da presença do fazendeiro Boldwood. A vaidade de Bathsheba é novamente evidenciada, mesmo afirmando que não gosta da atenção que recebe. Ela se sente incomodada justamente pelo único olhar masculino que não lhe deu a devida atenção.

‘But there was one man who had more sense than to waste his time on me.’

The information was put in this form that Liddy might not for a moment suppose her mistress was at all piqued, ‘A very good-looking man’ she continued ‘upright: about forty, I should think. Do you know at all who he could be?’ (HARDY, 2012, p.104)

No início do capítulo 13, Bathsheba se posiciona novamente sobre sua visão sobre o casamento. Quando questionada por Liddy com quem ela iria se casar, segundo a Bíblia, ela responde prontamente que isso não é possível, e que Liddy deve deixar de ser boba.

Liddy, agora, também se posiciona. Ela diz que existem pessoas que acreditam no casamento, e alguns não. Liddy afirma que acredita. Ainda no capítulo 13, o narrador nos aponta a mais uma informação interessante sobre Bathsheba. Ele comenta que Bathsheba tinha uma pequena noção do se tratava o amor, como um



mero espetáculo, mas sobre o amor subjetivamente ela não sabia muito. (HARDY, 2012, p. 109).

Os conflitos de Bathsheba se intensificam ao longo do romance, e ela ressalta suas opiniões marcantes em relação não apenas ao casamento, mas também por ser mulher e apresentar uma beleza que a destaca. Bathsheba reconhece que seus atributos lhe atribuem uma atenção quase indesejada, e de fato não lhe serve para muito. Sua beleza parece servir apenas para agradar o sexo oposto, ela em si não consegue enxergar vantagens em ser bela dessa forma.

Bathsheba se sente infeliz ao ter que reconhecer estar se sentindo de tal forma, pois agora ela se sujeita a tudo que sempre havia criticado para atender as demandas de Troy, e mesmo assim, não obtém sucesso. Bathsheba parece não conseguir entender como deixou de ser uma mulher livre e independente para chegar a tal situação.

‘Tell me the truth Frank! I am not a foo you know, although I am a woman and have my woman’s moments. Come, treat me fairly.’ She said looking honestly and fearlessly into his face. ‘I don’t want much, bare justice – that’s all. Ah, once I felt I could be content with nothing less than the highest homage from the husband I should choose. Now anything short of cruelty will content me. Yes the independent and spirited Bathsheba is come to this!’ (HARDY, 2012, p.305)

E mesmo quando se encontra feliz em alguns momentos no seu casamento com Troy, essa sensação logo é substituída pela sensação de culpa. Quando percebe que seu casamento já não tem mais solução, ela relembra e repensa suas ações. Percebe que até conhecer Troy, sentia-se orgulhosa da sua posição enquanto mulher; era glorioso para ela pensar que seus lábios nunca haviam sido tocados por nenhum homem na face da terra, que sua cintura nunca havia sido cercada pelos braços de um homem. (HARDY, 1874, p. 306)

Agora ela se odiava, pois havia feito com Troy, tudo aquilo que criticava em outras mulheres. Antes de Troy, ela nunca havia se permitido ser vista, cantada ou desejada. Nunca havia permitido que algum homem chegasse de fato perto dela, e que ela se sentia suficiente para ela mesma.

Em “*Recent Studies in Thomas Hardy’s Fiction 1987 - 99*”, David Garlock discute alguns estudos recentes referente a esse período. Dentre os vários estudos e críticas, David menciona a obra *The Paradox Of Love* (1997), de H. M. Daleski, onde há um capítulo exclusivo para o romance *Far from the Madding Crowd*, cujo subtítulo é “*The Only Love*”.

Neste capítulo, Daleski conduz vários comentários interessantes a respeito do autor, da obra, e da personagem Bathsheba em si. Ele ressalta que assim como suas obras mais famosas, *Far from the Madding Crowd* é bela.

Daleski aponta que as personagens femininas de Hardy são “repetidamente” representadas como o centro do seu mundo ficcional, e lhe são garantidas sempre a liberdade de escolha, refutando a visão delas como vítimas.

Podemos evidenciar essa visão no capítulo 56, *Beauty in Loneliness* quando Bathsheba percebe que apesar tantas reviravoltas e de sua certeza de que Gabriel Oak nunca a abandonaria, e Gabriel está prestes a partir novamente, ela sente que precisa agir.

“Bathsheba actually sat and cried over this letter most bitterly. She was aggrieved and wounded that the possession of hopeless love from Gabriel, which she had grown to regard as her inalienable right for life, should have been withdrawn just at his own pleasure in this way. She was bewildered too by the prospect of having to rely on her own resources again: it seemed to herself that she never could again acquire energy sufficient to go to market, barter, and sell. Since Troy’s death Oak had attended all sales and fairs for her, transacting her business at the same time with his own. What should she do now? Her life was becoming a desolation.” (HARDY, 2012, p. 438)

Bathsheba percebe neste momento que Gabriel pode de fato partir, e ao contrário do que ela pensava, não é garantida a presença de Gabriel em sua vida para sempre. Após os questionamentos de Bathsheba sobre sua partida e de Gabriel finalmente conseguir o que desejou no início da narrativa, conquistar Bathsheba, Bathsheba faz o seguinte comentário que novamente a destaca enquanto personagem dentro dos parâmetros da época. “But I must be going now, or I shall be missed. Why Gabriel,’ she said, with a slight laugh, as they went to the door, ‘it seems exactly as if I had come courting you — how dreadful!’ (HARDY, p. 442, 2012)

Neste trecho, Bathsheba reconhece que deve voltar a seus aposentos, uma vez que sua falta será sentida, e ela percebe e diz em voz alta que a impressão que toda essa situação ocasionou foi a de que Bathsheba foi cortejar Gabriel. Ele admite que toda a situação não foi simples para ele também, e que de certa forma ela não está errada. “I’ve danced at your skittish heels, my beautiful Bathsheba, for many a long mile, and many a long day; and it is hard to begrudge me this one visit”. (HARDY, p. 442, 2012)

As ações e diálogos de Bathsheba e Gabriel ao longo do romance nos trazem a sensação de uma relação em que seus papéis não são ditados por terceiros, apenas por eles mesmos. Gabriel é durante todo romance a pessoa que Bathsheba consegue encontrar apoio, forças e de uma certa forma um termômetro de suas ações na moral da época. Bathsheba não encontra em Gabriel a força opressora que tanto teme em um futuro casamento. Ela consegue, ao final do romance, enxergar em Gabriel uma possibilidade de atender as demandas da sociedade sem precisar necessariamente se diminuir.

Essa relação de Bathsheba e Gabriel encontra um equilíbrio e uma leveza, algo que, como dito anteriormente, era algo que Bathsheba procurava. A comparação da relação de Bathsheba e Gabriel em relação aos relacionamentos anteriores de Bathsheba é bem colocado quando o autor menciona que não era necessário para ambos expressar seus sentimentos com “pretty phrases and warm expressions” (Hardy, p. 442, 2012). A afeição deles é substancial – eles conhecem seus lados mais duros antes de conhecer seus lados bons, o que faz com que essa afeição apenas cresça. As circunstâncias felizes fazem com que isso seja capaz.

Essas circunstâncias fazem com que o amor deles seja tão forte quanto a morte. — that love which many waters cannot quench, nor the floods drown, beside which the passion usually called by the name is evanescent as steam. (HARDY, 2012, p. 442)

O maior triunfo de Bathsheba continua sendo o casamento, e sua relação com Gabriel, e ele é visto dessa forma, pois ela consegue realizar isso dentro de seus próprios termos. Todo o peso que a instituição casamento trazia para Bathsheba, de certa forma é dissolvido por Gabriel. Apenas e unicamente com

Gabriel que Bathsheba consegue deixar de lado sua resistência e incessante luta por espaço, ela sabe que ao lado de Gabriel a sua vontade será respeitada.

#### 4.2 FANNY ROBIN

Fanny Robin, neste romance, pode ser considerada a personagem mais “hardiana” possível, pois todo o seu curso de vida, ou o pouco que sabemos dele, é repleto de tragédias e circunstâncias infelizes. Fanny é a personagem na qual nenhum elemento por aqui mencionado consegue satisfazê-la. O curso de sua vida em si já é uma tragédia, porém há outros elementos que fazem disso tudo uma tragédia ainda maior. Além de se encontrar em um estado de miséria, de depositar todas as suas esperanças de melhor de vida em um casamento e além de seguir à risca as demandas da sociedade, acaba sofrendo as infelizes consequências de suas pequenas ações.

Ela é uma personagem cujas descrições são raras. Essa falta de identidade e descrição presentes na narrativa deixa a personagem em um ar de mistério e suspense. Hardy não descreve também os sentimentos de Fanny. Essa invisibilidade da personagem por si só é caracterizada por esta falta de descrições.

Ainda nos primeiros capítulos, os funcionários da fazenda, assim como a própria Bathsheba, questionam as ações de Fanny, porém pouca importância é dada a tal fato.

‘Well, what about Fanny?’ said Bathsheba.

‘Well, ma’am, speaking in round numbers, she’s run away with the soldiers’ said William.

‘No – not a steady girl like Fanny!’ (HARDY, 2012, p.93)

Fanny não tem muito poder de ação na narrativa, e mesmo quando o faz, comete pequenos erros e deslizes. Ela não consegue discernir a maldade nas ações alheias, e acaba sendo um exemplo claro de vítima do sistema que regia a época. Mesmo agindo nas normas, ela sofre e é incapaz de sair da sua posição inicial. Considerando os eventos que se sucedem, podemos perceber que Fanny acaba até

retrocedendo. Ela acredita firmemente nas palavras dos outros que podem modificar sua vida, mas não é bem assim que os fatos acabam acontecendo.

O fatalismo, tão mencionado por críticos das obras de Hardy, cerca, principalmente, a vida de Fanny Robin, neste romance. O seu curso de vida demonstra a incapacidade da mulher de sair do seu estado de miséria, e a indiferença da sociedade da época em relação a isso.

No caso de Fanny, a única possibilidade de uma melhoria de vida é o casamento, e é nele que ela deposita todas as suas esperanças. A principal característica atribuída a Fanny seria a sua ingenuidade, percebida por todos que a cercam.

Fanny é uma jovem órfã, que trabalha nesta fazenda que era do tio da Bathsheba, e acaba fugindo justamente no dia que Gabriel chega. As circunstâncias com as quais ela deixa a fazenda já demonstra a sua ingenuidade em relação a sua posição social e o seu espaço de ação.

A sua desculpa ao deixar a fazenda, deixada escrita por uma carta, é a certeza de que irá se casar com o Sargento Troy. Ela deposita em Troy o seu futuro.

Em termos de comparação, ela é o oposto de Bathsheba, não apenas pelo aspecto financeiro, mas também por sua incapacidade de perceber os mecanismos que regiam a época, principalmente em relação a mulheres na sua posição. Fanny não parece perceber as injustiças e imposições que a cercam, simplesmente as aceitam como tal. Seu curso de vida é a representação clara do destino que as mulheres encontravam quando não eram bem vistas ou bem sucedidas nessa sociedade. Em um trecho do capítulo 43, o narrador ressalta que a tristeza de Fanny não faz com que Bathsheba seja gloriosa, e que seus destinos acabam se contrastando em alguns aspectos. *The sadness of Fanny Robin's fate did not make Bathsheba's glorious, although she was the Esther to this poor Vashti, and their fates might be supposed to stand in some respects as contrasts to each other.* (HARDY, p. 327, 2012)

Quando Fanny abandona a fazenda, ela deixa uma carta se explicando. Ela tem certeza de que o Sargento Troy irá casar-se com ela, e que eles retornarão a fazenda como marido e mulher.

Comentando sobre a carta com Gabriel, Boldwood assinala essa ingenuidade mencionada anteriormente. Ele afirma que duvida muito que Fanny apareça na fazenda casada, como ela diz. “A silly girl - silly girl! She has now lost her character - he will never marry her - and what will she do?”. Uma garota ingênua, afirma Boldwood. Ele nunca iria se casar com ela, pois Boldwood conhecia o passado do Sargento.

O fatalismo do curso da vida de Fanny não acontece apenas pelas condições de vida dela. Há alguns acasos e circunstâncias que perpetuam essa ideia. O principal infortúnio, que acaba acarretando todos os outros, é justamente do insucesso do casamento de Fanny e Troy. O casamento não ocorre por um pequeno descuido de Fanny que acaba confundindo as igrejas que eles haviam combinado. Enquanto Troy a esperava da igreja All Saints', Melchester, Fanny o esperava na igreja All Souls. Esse descuido por parte de Fanny faz com que Troy questione em partes sua decisão de se casar com ela. Ele a esperou, e ela não apareceu. As circunstâncias pelas quais isso aconteceu pouco parece importar para Troy, e mesmo encontrando ela depois, ele a deixa sem resposta em relação ao casamento dos dois. Ele não sinaliza se dará outra tentativa a esse casamento. O trecho abaixo nos demonstra isso.

‘O Frank – I made a mistake! I thought the church with the spire was All Saints’, and I was at the door at half-past eleven to a minute, as you said. I waited till a quarter to twelve and found then that I was in All Souls’. But I wasn’t much frightened, for I thought it could be tomorrow as well.

‘You fool, for so fooling me! But say no more’

‘Shall it be tomorrow, Frank? She asked blankly.

‘Tomorrow!’ and he gave vent to a hoarse laugh. ‘I don’t go through that experience again for some time, I warrant you”. (HARDY, 2012, p. 132)

Uma leitura interessante a respeito de toda a tragédia que perpassa na vida de Fanny é a indiferença daqueles que a cercam. Muitas pessoas acabam presenciando o infortúnio de Fanny, mas todos parecem apáticos, uma vez que esse era o destino da maioria das mulheres na sua posição.

Bathsheba é uma das poucas personagens que conseguem apresentar um traço de empatia, e talvez até culpa, por tudo que acaba ocorrendo. Quando Fanny abandona a fazenda, Bathsheba não parece perceber o destino que a espera, mas

ao final, quando descobre tudo que ocorre com Fanny, acaba sentindo uma parcela de culpa. Inicialmente, por não procurar Fanny quando sai da fazenda, sendo ela uma empregada, e no final, quando avista Fanny pedindo ajuda, ela não consegue auxiliá-la.

A empatia que Bathsheba apresenta é ligada diretamente com o medo de ter o mesmo destino que ela. Ela sabe que sua situação não seria muito diferente, caso não tivesse a fazenda do seu tio.

Essa sensação de culpa aumenta assim que Bathsheba vai descobrindo mais detalhes sobre Fanny. Em vários momentos existe uma clara comparação entre Bathsheba e Fanny, principalmente considerando que elas possuem algo em comum: O Sargento Troy.

Ao casar-se com Troy, Bathsheba pensa apenas nos pontos positivos. Percebe que finalmente será bem vista, pois agora possui um marido. O ponto que ela parece não perceber quando se casa é justamente que se casar mal era tão ruim quanto não casar, e em relação ao Troy, Bathsheba apresenta uma ingenuidade similar à de Fanny. Ela se casa com Troy por impulso, como ela mesmo revela mais tarde, mas nunca havia considerado de fato o passado de Troy. E o passado de Troy apresentava Fanny Robin.

Quando questionado sobre escolher Bathsheba e Fanny, Troy ressalta claramente que Bathsheba tem um temperamento difícil, e que para ela, ele seria um mero escravo. Enquanto se casasse com Fanny, ele poderia fazer qualquer coisa com ela. Esse diálogo entre Boldwood e Troy, que acontece no capítulo 34, demonstra como as mulheres tinham pouco poder de decisão, e o casamento delas era tratado meramente como um negócio. Boldwood antes de desistir de Bathsheba, oferece a Troy uma quantia para que se case com Fanny e deixe Bathsheba livre para ele. Em nenhum momento eles consideram os sentimentos ou pensamentos das mulheres que estão conversando.

Boldwood se encontra conflitado em fazer o que ele deseja e o que está a seu alcance. Ele vê em Troy uma solução de fazer Bathsheba estar casada, mesmo que não seja com ele. Boldwood reconhece que suas chances com Bathsheba são limitadas, e Troy não esconde em nenhum momento que seu principal impulso para

se casar com Bathsheba seria por sua condição financeira, e por receber um valor a mais de Boldwood. Ele afirma isso quando diz: "Perhaps I am a bad man - the victim of my impulses". (HARDY, 1874, p. 259)

Inicialmente, Troy deixa claro que prefere casar-se com Fanny. Primeiro, por gostar de verdade dela, e segundo porque ganharia alguma coisa com isso. Porém, este não acaba sendo o curso de seu casamento.

A relação entre Bathsheba, Troy e Fanny vai se construindo de uma forma trágica ao longo dos acontecimentos. Quando Bathsheba e Troy já estão casados, Troy utiliza parte do dinheiro que recebe de Bathsheba para apostar em corridas de cavalos. Até o momento em que Bathsheba percebe a quantidade de dinheiro gasta, ela não se apavora. Após perceber que ele perdeu muito dinheiro com essas apostas, ela começa a ser mais criteriosa em relação ao dinheiro que repassa a Troy. Isso, porém, mais tarde, é em parte a razão de sua culpa.

Quando estavam discutindo, no capítulo 41, logo após descobrir que Troy possuía dívidas de aposta, Bathsheba ressalta o quanto está infeliz com seu casamento. Ela comenta em "That my romance has come to an end" (Hardy, 1874, p. 302), que seu romance está terminando, e Troy assertivo de suas palavras, complementa dizendo que todo romance termina no casamento.

É nessa discussão que Fanny é trazida para a discussão. Um dia antes, no mercado de Cambridge, Bathsheba vê Troy conversando com uma mulher que aparentemente está pedindo dinheiro. Naquele pequeno encontro de Troy e Fanny, ele a questiona por que razão nunca o escreveu, pois ele pensava que ela estava distante ou morta. Ele prontamente a oferece dinheiro, o pouco que possuía, e depois a informa de um local que poderia a acolher, e que a encontraria para entregar mais algum auxílio. Esse encontro e essas informações não chegam aos ouvidos de Bathsheba, que fica a par de toda a situação.

No trecho abaixo, Troy pede para Bathsheba que ela o empreste um valor em dinheiro, e ela o recusa. Mesmo agitado, ele não se sente na necessidade de corrigi-la, e permite que ela acredite que ele usaria este dinheiro para apostas.

'Bathsheba, could you let me have twenty pounds?



Her countenance instantly sank. 'Twenty pounds?

The fact is, I want it badly' The anxiety upon Troy's face was unusual and very marked. It was a culmination of the mood he had been in all day.

'Ah, for those races tomorrow.'

'Well, suppose I do want it for races', he said at last.

(HARDY, 2012, p.301)

A tragédia e o infortúnio parecem perseguir Fanny. Por conta desse encontro e dessa discussão que Bathsheba e Troy tem justamente devido a Fanny, Bathsheba não repassa para Troy nenhum dinheiro. Ele a implora, explica que precisa, e Bathsheba já desconfia que a mulher que havia avistado no dia anterior poderia ter alguma relação. Porém, ela não percebe, nem pelo desespero de Troy em conseguir o dinheiro, nem a situação real em que se encontrava Fanny, pois caso soubesse, provavelmente os ajudaria.

Esse dinheiro que Troy pede nesse momento seria para auxiliar Fanny, pois ela se encontrava em uma situação de miséria. E é justamente por essa falta de auxílio que Fanny acaba falecendo. É interessante ressaltar aqui que até o momento de sua morte, Bathsheba não sabia que a mulher que Troy falava era Fanny Robin, pois ela a conhecia, pois ela era servente na fazenda quando seu tio ainda era vivo. Em outras circunstâncias, Troy revelando o nome de Fanny, ou Troy sendo um marido responsável onde Bathsheba não negaria dinheiro, talvez Fanny teria um destino diferente.

A discussão entre Bathsheba e Troy apresenta interessantes pontos novamente em relação à visão do casamento de Bathsheba. Ele reafirma todas as preocupações que Bathsheba sempre teve em relação a isso. Ele diz que ela sabia que sua vida de casada seria assim - como se a infidelidade e infelicidade já estivessem implícitos no momento do casamento -, que ela não deveria ter se casado caso ela temesse essas contingências. (Hardy, 1874, p. 304)

As falas de Bathsheba nesta discussão ecoam em muitos momentos as suas inseguranças enquanto mulher. Ela admite isso quando diz: "I am not a fool you know, although I am a woman and have my woman 's moments". (HARDY, 1874, p.305). Ela admite que apesar de ser mulher e ter seus momentos, ela não é ingênua. Bathsheba consegue admitir que é falha em alguns aspectos, que pode

agir por impulsividade, e que nem sempre tem total controle de suas emoções, mesmo que desejasse que isso acontecesse.

Ela admite por fim que não esperava que chegaria a esse ponto, sendo ela sempre independente e livre. Seu ciúme e raiva em relação a Fanny a fazem perceber como foi fácil ela se tornar justamente aquilo que sempre havia criticado na postura de outras mulheres.

Ela se encontra, nesse momento, infeliz com ela mesma. O pior acontecimento dado que até então tudo que ela sempre teve e tudo que sempre a destacou diante dos demais era justamente sua capacidade de reconhecer seu valor.

Ela reconhece que sempre havia carregado um desprezo por mulheres que eram escravas do primeiro companheiro de boa aparência as cumprimentasse. Ela nunca havia reconhecido de fato as vantagens de um casamento. Bathsheba percebe que a percepção que ela tinha agora do seu casamento com Troy era de auto sacrifício, e não de honra. E que antes de Troy, ela nunca havia encorajado nenhum homem a abordá-la, e que ela sempre se sentia suficiente para ela mesma, e que havia uma certa degradação na sua renúncia em deixar de ser uma mulher solteira simplesmente para se tornar uma mera metade de uma relação indiferente.

Esse contraste entre as duas personagens apenas torna mais evidente o lugar de miséria que Fanny ocupa. Ela é tratada em todo momento como incapaz de cuidar de si própria. Ela é jogada de um lado para outro como um mero instrumento na mão daqueles que detém algum poder sobre ela.

Essa indiferença em relação a Fanny é extremamente cruel. Mesmo quando já se encontra morta, não encontramos muitas evidências de empatia daqueles que presenciam os angustiantes eventos da sua vida. E nem na morte parece não haver descanso para Fanny.

Logo após saber do passado de Troy e Fanny, Fanny é encontrada, porém morta. Boldwood é a pessoa que repassa a informação para Joseph, que informa Bathsheba.

'You'll never see Fanny Robin no more — use nor principal — ma'am.'  
 'Why?'  
 'Because she's dead in the Union.'  
 'Fanny dead — never!'

'Yes, ma'am.' (HARDY, 2012, p.307)

Bathsheba se encarrega de prestar os seus últimos serviços, mesmo que Boldwood já tinha se oferecido para tal. Até o momento da morte de Fanny, Bathsheba não sabia do seu estado atual, pois caso contrário, tentaria ajudá-la. Bathsheba imaginava que Fanny se encontrava distante. "I wish I had known of it sooner. I thought she was far away." (HARDY, 2012, p.309). Bathsheba, apesar estar em conflito com toda a situação, se oferece para prestar os serviços que Fanny precisa.

'Indeed I shall not let Mr. Boldwood do any such thing – I shall do it. Fanny was my uncle's servant, and although I only knew her for a couple of days, she belongs to me. How very very sad this is – the idea of Fanny being in a workhouse.'

(HARDY, 2012, p.308)

Como mencionado anteriormente, nem em sua morte Fanny encontra descanso. Tentando descobrir mais informações sobre Fanny, Bathsheba não consegue segurar sua curiosidade e até ciúmes, pois se interessa em saber a cor do cabelo de Fanny, uma vez que Troy havia guardado uma mecha. Podemos perceber que mesmo Bathsheba consegue se apresentar indiferentemente a Fanny, pois nem ela se recorda da cor do cabelo de sua empregada. Agora, há apenas rumores de que Fanny estava atrás de um homem que a havia abandonado, porém não se sabe ainda se este homem é Troy.

No próximo capítulo, enquanto levava o caixão contendo Fanny, Joseph tece comentários que novamente ressaltam como a tragédia continua circundando Fanny mesmo após todos esses ocorridos.

'Nobody can hurt a dead woman,' at length said Coggan, with the precision of a machine. 'All that could be done for her is done — she's beyond us: and why should a man put himself in a tearing hurry for lifeless clay that can neither feel nor see, and don't know what you do with her at all? If she'd been alive, I would have been the first to help her. If she now wanted victuals and drink, I'd pay for it, money down. But she's dead, and no speed of ours will bring her to life. The woman's past us — time spent upon her is throwed

away: why should we hurry to do what's not required? Drink, shepherd, and be friends, for to-morrow we may be like her.' (Hardy, 2012, p.320)

Joseph comenta que agora que Fanny está morta, não serve de nada sentir pena dela. Ninguém pode ferir uma mulher morta, ele comenta, e que tudo que poderia ter sido feito por ela, já foi feito. Caso ela estivesse viva, ele seria a primeira pessoa a ajudá-la, mas agora ela está morta, e nada poderá trazê-la de volta à vida.

A indiferença com Fanny é ainda mais triste se comparada com o esforço dos homens em encobrir que o homem que Fanny estava procurando era Troy, o marido de Bathsheba. Mesmo diante de tais eventos, ainda há tentativas de manter a reputação de Troy limpa.

Havia ainda outro rumor que aterrorizava Bathsheba durante o curso desses eventos, a possibilidade de que além de Fanny, havia também uma criança no caixão. Na tentativa de poupar o sofrimento de Bathsheba, Gabriel apaga a escrita que havia sobre o caixão que dizia “Fanny Robbin e uma criança”, antes do caixão chegar na fazenda.

Quando o caixão já está nos aposentos da fazenda, Liddy indaga Bathsheba se ela gostaria de companhia considerando as circunstâncias, porém Bathsheba recusa.

“I'll sit up for master if you like, ma'am. I am not at all afraid of Fanny, if I may sit in my own room and have a candle. She was such a childlike, innocent thing that her spirit couldn't appear to anybody if it tried, I'm quite sure.” (HARDY, 2012, p.325)

Liddy comenta que Fanny era uma criatura inocente, e que seu espírito não poderia assustar ninguém, mesmo se tentasse. Depois deste ocorrido, Bathsheba já estava ciente da presença de um bebê dentro do caixão. Nos trechos seguintes, podemos perceber duas coisas. O único triunfo que Fanny consegue alcançar, é a morte.

Bathsheba was lonely and miserable now; not lonelier actually than she had been before marriage; but her loneliness then was to that of the present time

as the solitude of a mountain is to the solitude of a cave. And within the last day or two had come these disquieting thoughts about her husband's past. Her wayward sentiment that evening concerning Fanny's temporary resting-place had been the result of a strange compilation of impulses in Bathsheba's bosom." (HARDY, 2012, p.326)

A única força ou poder que Fanny apresenta é a capacidade de atingir Bathsheba de alguma forma. Pois, mesmo tendo seu envolvimento com Troy, quem acaba sofrendo as consequências é Bathsheba. E é nesta relação com Bathsheba que Fanny consegue ter algum espaço ou relevância.

Assuredly their wonted fires must have lived in Fanny's ashes when events were so shaped as to chariot her hither in this natural, unobtrusive, yet effectual manner. The one feat alone — that of dying — by which a mean condition could be resolved into a grand one, Fanny had achieved. And to that had destiny subjoined this encounter to-night, which had, in Bathsheba's wild imagining, turned her companion's failure to success, her humiliation to triumph, her luck lessness to ascendancy; it had thrown over herself a garish light of mockery, and set upon all things about her an ironical smile. (HARDY, 2012, p. 332)

O narrador menciona a ironia do destino de ter unido Bathsheba e Fanny justamente agora, e em nenhum outro anterior. E, para ele, esse encontro fez com que Fanny tivesse transformado sua falha em sucesso, sua humilhação em triunfo, e sua infelicidade em ascendência.

No próximo trecho, temos Bathsheba contemplando sua incapacidade de compreender sua inveja de Fanny, mesmo diante de tais circunstâncias, ela se sente miserável. Bathsheba não quer admitir que a odeia, porém ela admite que isso está acontecendo. Ela se questiona se caso ela ainda estivesse viva, isso poderia ter sido possível, mas diante de seu caixão, Bathsheba se mal por sentir o que está sentindo, e que cogitar ser vingativa com uma mulher morta é inconcebível.

If she had only lived I could have been angry and cruel towards her with some justification, but to be vindictive toward a poor dead woman and babe recoils upon myself. O God have mercy - I am miserable at all this. (HARDY, 2012, p.333)

Quando o confronto de Fanny, Bathsheba e Troy finalmente ocorre, percebemos a real conexão de Troy e Fanny. Troy, ao longo de todo romance, não esboça nenhum tipo de empatia ou pena a ninguém, e agora em que encontra Fanny morta, ele finalmente reconhece isso. Troy ainda aproveita o momento para torturar os sentimentos de Bathsheba, pois se irritou sempre com a sua arrogância e independência. Ele ressalta que Fanny é mais para ele, morta como está, do que ela nunca foi ou poderá ser. Ele finalmente comenta olhando para Fanny, deitada em seu caixão, que “aos olhos do Céu, você é sim minha esposa”.

“This woman is more to me, dead as she is, than ever you were or are, or can be. If Satan had not tempted me with that face of yours and those coquettish air I should have married her.” (HARDY, p. 336, 2012)

“In the sight of heaven you are my very very own” (HARDY, p.336, 2012)

Diante da situação, Troy ainda ressalta as suas visões sobre o casamento. Ele comenta que uma cerimônia diante de um padre não faz um casamento, e que ele não é moralmente de Bathsheba.

‘If she’s that – what – am I? she added, as a continuation of the same cry, and sobbing brokenly, and the rarity with her of such abandonment only made the condition more terrible.

You are nothing to me - nothing,’ said Troy heartlessly. A ceremony before a priest doesn't make a marriage. I am not morally yours.” (HARDY, 2012, p.336)

Perante este conflito específico, poderíamos afirmar que Fanny conseguiu sua vingança ou revanche, como pronunciar o título do capítulo. Ela consegue se fazer relevante diante de sua rival, mesmo que seja por alguns instantes, e mesmo que seja apenas aos olhos de Troy. Mas ela tem seu pequeno triunfo.

A relação entre as duas personagens também pode ser considerada fatídica, pois mesmo ciente da situação em que Fanny se apresentava antes de falecer, Bathsheba não consegue controlar a sua irritabilidade e ciúmes em relação a Troy. Quando soube do desaparecimento de Troy, logo após a morte de Fanny, Bathsheba se sente conflitada com o que sente. Não consegue discernir se se

preocupa com seu casamento ou se sente culpada por tudo que ocorreu. Mesmo assim, em alguns momentos, ela admite para si mesma, seus sentimentos em relação a toda situação.

No primeiro momento em que a morte de Troy é cogitada, Bathsheba teme por seu casamento, mas não consegue evitar pensar na relação de Fanny e Troy, e mesmo diante de tais acontecimentos, questiona suas próprias reações. Ela reflete em um determinado momento de ciúmes, se Troy não a havia deixado - e deixado sua própria vida - para poder encontrar Fanny.

Then Bathsheba said to herself that others were assured in their opinion, and why should not she be. A strange reflection occurred to her, causing her face to flush. Troy had left her and followed Fanny into another world. Had he done this intentionally, yet contrived to make his death appear like an accident? (Hardy, 2012, p.367)

Fanny é descrita em praticamente toda a narrativa como pobre, ingênua, e dependente de outros para conduzir as coisas. Quando sai da fazenda na esperança de encontrar em um casamento toda a sua felicidade, seu destino infeliz parecia já estar traçado. Ela deposita toda sua esperança em Troy, que a abandona. Ao reencontrá-la, Troy não possui os mecanismos necessários para auxiliá-la, mesmo que queira, e isso acaba selando todos os acontecimentos que acarretam seu trágico fim.

#### 4.3 LIDDY SMALLBURY

O principal papel de Liddy Smallbury em relação a Bathsheba além de governanta, é de ouvir as constantes indagações de Bathsheba. Com uma idade próxima de Bathsheba, e consciente sobre seu espaço dentro desse ambiente, Liddy não se questiona, apenas aceita o que lhe é esperado.

Liddy é leal a Bathsheba, e se sente feliz em ser o braço direito dela. Ao estar ao lado dela, Liddy consegue sentir o desafio enfrentado por Bathsheba em relação a sua posição na fazenda, e dos seus arredores. Ela, porém, está ciente de quase todos os acontecimentos que circundam Bathsheba, e mesmo deixando claro em

alguns momentos o quanto invejava a posição que Bathsheba possuía desde que herdara a fazenda, tinha consciência das duras cobranças que lhe eram impostas.

Não é difícil de compreender as ações e pensamentos de Liddy. Ela age e pensa dentro daquilo que conhece, e o que ela conhece é limitado. Mesmo tendo poucas descrições e caracterizações em relação às outras duas personagens aqui mencionadas, Liddy merece destaque não apenas por representar bem sua classe, mas também por exercer tão bem seu papel diante do que lhe era esperado.

Logo nas suas primeiras aparições, Liddy é descrita como um rosto iluminado, típico de uma mulher do interior da Inglaterra.

Liddy, the maltster's great-granddaughter, was about Bathsheba's equal in age, and her face was prominent advisement of the lighthearted English country-girl. The beauty of her features might have lacked in form was amply compensated for by perfection of hue, which at this winter was the softened ruddiness on a surface of high rotundity that we meet with in a Terbug or a Gerard Douw, and like their presentations, it was a face which always kept on the natural side of the boundary between itself and the ideal. (HARDY, 2012, p.82)

Apesar de ser descrita de tal forma, cuja beleza e traços são evidentes, Liddy possui um discernimento em relação ao seu espaço na sociedade que vive. Ela mede suas palavras sabiamente, com exceção de quando está com Bathsheba, pois conhece o efeito que determinado discurso pode surtir.

Voltando a obra *Daily Life in Victorian England*, podemos entender as razões pelas quais Liddy tem uma postura tão bem ajustada ao seu papel. Ao tratar sobre o serviço doméstico, Mitchell comenta que quase todas as servas domésticas deveriam ser solteiras. Mitchell ainda traz exemplos como *The Diaries of Hannah Cullwick, Victorian Maidservant, 1984* que retrata como era a vida das funcionárias domésticas da época, e quais eram as demandas exatas. Esses diários conseguem ser um exemplo de documento histórico que comprova o quão rígidas eram as tarefas das mulheres nestas posições.

Mitchel traz ainda outro exemplo, os famosos manuais de conduta, neste caso voltado ao serviço doméstico, a seguir algumas regras que eram consideradas para fossem vistas como boas servas.



Always move quietly about the house, and do not let your voice be heard by the family unless necessary.

When meeting any ladies or gentlemen about the house, stand back or move aside for them to pass.

Should you be required to walk with a lady or gentleman, in order to carry a parcel, or otherwise, always keep a few paces behind.

Do not smile at droll stories told in your presence, or seem in any way to notice, or enter into, the family conversation, or the talk at table, or with visitors; and do not offer any information unless asked, and then you must give it in as few words as possible. But if it is quite necessary to give some information unasked at table or before visitors, give it quietly to your master or mistress. *The Ladies' Sanitary Association, Rules for the Manners of Servants in Good Families* (London, 1901).

Neste trecho, é mencionada a quase inexistência da interferência dessas funcionárias nos assuntos principais da casa. Não faça barulho quando andar pela casa, não deixe que sua voz seja ouvida, e principalmente não interfira ou demonstre qualquer sinal de julgamento em relação à conduta daqueles que serve. Essas ações são representadas por Liddy neste romance. Ela raramente opina sobre a conduta de Bathsheba ou de qualquer pessoa, exceto caso ela peça. E mesmo quando a faz, involuntariamente, é fortemente reprimida.

Ao compreender os mecanismos que regiam esse período como o exemplo acima, podemos compreender por que Liddy age dessa forma, mesmo quando confrontada ou quando lhe é oferecida a chance de sair dessa posição, ela o faz com dificuldade. Mesmo quando Bathsheba compartilha informações privadas, Liddy sabe que não pode dizer exatamente pensando, e sim colocar aquilo que não fira os sentimentos daqueles que ela serve, que neste caso é Bathsheba.

No capítulo *Converging Courses*, Liddy é reprimida por Bathsheba ao fazer um comentário sobre sua conduta. Quando questionada se aceitaria ou não a mão de Boldwood, ela responde:

'Now just suppose Mr Boldwood should ask you — only just suppose it — to run away with him, what would you do, ma'am?'

'Liddy — none of that,' said Bathsheba, gravely. 'Mind, I won't hear joking on any such matter. Do you hear?'

'I beg pardon, ma'am. But knowing what rum things we women be, I just said — however, I won't speak of it again.' (HARDY, 2012, p.406)

Neste trecho, ela repreende Liddy dizendo que não aceitaria ouvir piadas sobre sua vida amorosa. Liddy ainda tenta se justificar, dizendo que não fará comentários sobre isso novamente.

Ainda de acordo com Mitchell (2009), era a vida da mulher pura que deveria ser centrada no seu lar. Bathsheba Everdene não possui um lar convencional. No início da narrativa, Bathsheba trabalhava auxiliando sua tia em sua fazenda, depois ao herdar a fazenda de seu tio, ela finalmente possui um lugar considerado seu, porém no pensamento vitoriano, sua função ainda não estava plenamente exercida, uma vez que ainda estava solteira.

She preserved the higher moral values, guarded her husband's conscience, guided her children's training, and helped regenerate society through her daily display of Christianity in action. If she successfully made the home a place of perfect peace, her husband and sons would not want to leave it for an evening's (morally suspect) entertainment elsewhere. (MITCHEL, 2009, p. 283)

Os pontos acima destacados e mencionados não são atendidos por Bathsheba. Bathsheba não se concentrava em seu marido, ou na procura por um, ela se dedicava a manter a fazenda que herdara de seu tio, funcionando e rendendo bem. Apesar de ser pressionada pela sociedade e de saber que ser uma boa esposa traria diversos benefícios, ela não se conforma com o primeiro pretendente e, assim, resiste por bastante tempo.

É interessante apontar a pressão exercida por essa função. Mitchell menciona que não sendo suficientes todas as demandas exigidas da sociedade em si, ainda existe uma pressão caso isso não dê certo. Caso um casamento fosse infeliz, dificilmente a culpa cairia no homem. Esse pensamento se traduz em vários aspectos, como o seguinte. O autor aponta que se uma mulher fosse cuidadosa com seu lar, seus filhos e marido não iriam procurar entretenimento fora de casa. A mulher era responsável por manter todos da casa bem, como se isso não bastasse, ela era responsável em mantê-los felizes.

O peso daquela máxima reforça o motivo pelo qual as mulheres sofreram tanto quando o casamento não era bem-sucedido. Analisar Liddy em relação a Bathsheba e Fanny nos faz perceber que ela se encontra no meio das duas. Ela não é tão crédula quanto Fanny, não se deixa influenciar por determinadas situações por compreender os processos sociais em que está envolvida. Todavia, reconhece as limitações que tem devido à sua posição social e, aceita passivamente, o seu destino de governanta até que um dia um homem a escolha para ser sua esposa. Essa capacidade de perceber os mecanismos que a cercam, a faz sofrer menos em relação às outras duas personagens. Ela sabe que tem que se adequar aos padrões de aceitação social, e ela o faz. Ela sabe que precisa de uma figura masculina para ascender socialmente ou manter-se na posição que está, e aguarda ansiosamente por esse dia.

Liddy consegue, quase ao final do romance, tornar-se uma porta-voz de Bathsheba. Quando Bathsheba se torna incapaz de agir ou falar, principalmente diante dos eventos trágicos que acontecem, Liddy acaba assumindo sua posição, mesmo que singelamente, reafirmando os pensamentos de Bathsheba. Além de tudo, Liddy ajuda Bathsheba a se manter fiel a tudo aquilo que sempre a revelou, uma vez que Liddy é uma das poucas pessoas com as quais Bathsheba se sente segura em dizer aquilo que verdadeiramente pensa e sente.

Quando Bathsheba enfrenta as primeiras crises do seu casamento, e a incerteza paira sobre ele, é em Liddy que ela encontra forças para se manter fiel àquilo que sempre acreditou. Mais fria e cruel, Bathsheba afirma que apenas mulheres sem orgulho abandonam seus maridos, e que existia uma situação pior do que ser encontrada maltratada por seu marido, que é de ser encontrada viva na casa de outra pessoa. Ela afirma que pensou muito no assunto e que escolheria seu caminho. E caso isso incluísse insultos, agressões e fome, ela enfrentaria esse caminho mesmo assim.

A runaway wife is an encumbrance to everybody, a burden to herself, and a byword - all of which make up a heap of misery greater than any that comes by staying at home, though this may include the trifling items of insult, beating and starvation. (Hardy, 2012, p.342)

Por fim, ela enfatiza novamente a sua postura em relação ao casamento, que mesmo sempre tendo sido contra, hoje dentro dele, faria o que fosse necessário para se manter digna dele. Ela aconselha Liddy dizendo que caso um dia você se case, e você se encontre em uma situação de perigo, não fuja, fique firme, mesmo que isso implique que você seja destruída, pois é isso que farei. (Hardy, p. 342, 2012)

Em relação às outras duas, Liddy é inteligente o suficiente para não ser tão facilmente manipulada pelos mecanismos que a cercam, mas, ao mesmo tempo, ela consegue perceber que não pode modificar as regras e sem o cumprimento delas, estará fadada ao infortúnio.

Liddy considera tudo aquilo que a sociedade pensa sobre ela. Suas ações são medidas a partir deste ponto de vista. Quando contrastamos esse ponto a Bathsheba, percebemos novamente a razão de destaque de Bathsheba. Bathsheba atinge, ao final da narrativa, uma capacidade de se desassociar da opinião pública em relação a sua conduta. "Bathsheba had reached a stage at which people cease to have any appreciative regard for public opinion." (Hardy, 2012, p.356)

É interessante ressaltar também que apesar de reproduzir os pensamentos de Bathsheba quando ela está impossibilitada de o fazer, Liddy não se influencia diretamente com isso, ela não passa a pensar da mesma forma que Bathsheba. Ela continua acreditando que seguir certas normas e regras é mais seguro, e que agir da forma que Bathsheba age não é algo comum, e que isso só acontece dadas as circunstâncias, principalmente, econômicas.

Liddy, ao presenciar as dificuldades que Bathsheba encontra em enfrentar tudo aquilo que a tenta dominar, percebe que é mais seguro se manter na posição que já está, ao invés de tentar a sorte. O fim de Fanny também evidencia isso. Por essas questões, podemos perceber que apesar de sutil, a presença de Liddy é importante, pois nos faz refletir sobre as razões pelas quais ela age ou deixa de agir.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Thomas Hardy reinventa, em partes, a mulher vitoriana ao apresentar suas personagens como acontece em *Far from the Madding Crowd*. Ele possibilita a elas um espaço de ações diferente do esperado. Mesmo em ambientes dominados pelo masculino, suas personagens são apresentadas a oportunidades de mudanças e avanço.

Bathsheba, principalmente, sabe utilizar os mecanismos que lhe são oferecidos, para alcançar aquilo que almeja. Ela apresenta uma postura madura, mesmo sendo impulsiva em certos momentos. Sendo assim, das três personagens aqui estudadas, Bathsheba é considerada a mais bem sucedida, não apenas em questões financeiras, mas em se manter fiel a suas concepções iniciais sobre o que considera um casamento feliz.

Rosemarie Morgan em *Women and Sexuality* (1988) resume isso de uma forma objetiva. Ela comenta sobre como era raro oferecer às mulheres vitorianas um papel ativo, com possibilidades de desafio, renovação e mudança. No universo ficcional de Wessex, criado por Hardy, a esfera de ações das personagens é ampliada, mas mantida ainda na faixa de plausibilidade e possibilidade.

As mulheres trabalhavam fora de casa, em serviços convencionais e não convencionais, passeavam desacompanhadas além de sua vizinhança, embarcavam em empreendimentos por sua própria vontade, e iniciavam seus relacionamentos. Todos esses pontos transgrediram a função determinada a mulher naquele período.

Morgan ainda defende que, neste universo criado por Hardy, seus personagens, principalmente mulheres, tinham um espaço para lutar para moldar suas vidas, e possuíam uma certa resiliência; o qual é um fato notável pelo fato de que a luta dessas personagens vai contra todas as possibilidades, uma luta em um mundo que como o próprio Hardy diz, não é amigável com as mulheres.

Hardy ao apresentar aos vitorianos com modelos femininos que não se conformavam com esses estereótipos, não apenas ofendiam as instituições, mas também ameaçavam o status quo, atingindo a estrutura e fundação da sociedade em si.

Rosemarie ainda ressalta que em uma era que valorizava o autocontrole, e características femininas como delicadeza, uma disposição retraída, um físico e intelectual tímido, as personagens femininas de Hardy transcendem os estereótipos de gênero. Bathsheba é impulsiva, pouco delicada em sua postura e palavras, não tinha medo de expor seus pensamentos, e tinha consciência de sua beleza física.

As comparações aqui traçadas em relação a Bathsheba, Fanny e Liddy apontam basicamente naquilo que as diferem. Bathsheba, dada as suas condições financeiras e pensamento livre, consegue se exercer em uma sociedade dominada pelo masculino. Ela pensa e age conforme suas próprias intuições. Ela resiste mesmo sendo coagida a mudar de pensamento.

Bathsheba se diferencia do discurso da mulher vitoriana, pelas questões já apontadas acima. Ela é um exemplo das mulheres que resistiram ao casamento não por conta da sua classe ou bens, mas sim por conta do poder opressivo que ele representava. Ela consegue adquirir ao longo de sua jornada uma emancipação de alguns papéis femininos, como o de mãe, assim como questiona não apenas a hipocrisia das cobranças impostas às mulheres, mas também dos padrões exigidos pela época. Mesmo assim, não se encaixando em padrões morais da época, Bathsheba pode ser considerada uma representação do poder feminino.

Ao representar personagens complexas como Bathsheba, Hardy nos proporciona um olhar diferenciado, uma ressignificação do conceito dicotômico de heroínas vitorianas. Bathsheba não precisa apresentar todos os atributos requeridos para ser considerada uma mulher feminina e delicada, assim como não precisa ir contra tudo e todos para ser considerada uma personagem resistente às imposições da época.

Personagens como Bathsheba conseguiam romper com a comunidade, com a ordem social e com o status quo. Ao tentar redefinir a visão da mulher vitoriana, podemos lembrar de alguns dos seus conceitos originais apresentados por Hardy: humanamente imperfeitos, não convencionais, fortes, rebeldes, e capazes de assumir riscos. (MORGAN, 1988)

Morgan aponta que também é importante ressaltar a tentativa dessas personagens em definir a si mesmas, em um mundo que negava a elas o direito de

moldar suas próprias vidas, controlar seus próprios corpos, explorar suas necessidades e expressar seus desejos.

Fanny é seu completo oposto de Bathsheba; ingênua, incapaz de perceber as injustiças que sofre, tem em seu final trágico as respostas que a maioria das mulheres em sua situação esperavam. E, por fim, Liddy se encontra entre as duas, ciente das injustiças que a esperam, sendo uma mulher na sua posição, mas sábia o suficiente para compreender que não possui os mecanismos necessários para mudar sua situação sem seguir os métodos tradicionais, como um bom casamento.

Thomas Hardy consegue abordar neste romance uma dinâmica interessante em relação ao casamento, diferente do que se era refletido na época. Existe uma quebra da dicotomização dos gêneros. Bathsheba exerce papéis até então vistos como masculinos, Gabriel e Troy se colocam em posições inferiores a Bathsheba, mesmo sendo homens. Assim como Bathsheba consegue adotar uma posição de sujeito em vários momentos da narrativa, personagens como Gabriel e Troy exercem passivamente suas funções inferiores.

Em termos de comparação, foi demonstrado com alguns trechos do romance, que Bathsheba é uma personagem cujos traços e ações a destacam e a colocam em uma posição pouco comum. Ela consegue se exercitar, e permanecer fiel a seus credos mesmo diante de circunstâncias desafiadoras. Tem forças suficientes para cobrar daqueles que a cercam, posturas de mesmo valor que a dada aos homens. E mesmo vista como vaidosa, teimosa, e impulsiva, ela consegue reconhecer e corrigir seus erros, ciente principalmente das críticas que ela mesma fazia a outras mulheres, e compreendendo após difíceis situações como era fácil para uma mulher reproduzir e entrar em um ciclo que ela acabou vivenciando.

Mais madura e de certa forma “domada”, Bathsheba chega ao final da narrativa em uma posição superior à de Liddy e Fanny. Mesmo ao final do romance, continua a ter suas exigências e opiniões, agora um pouco moldada pela experiência, como o seu casamento quase que secreto com Gabriel.

Mesmo quando era questionada, Bathsheba consegue refletir e questionar sobre sua posição e espaço que lhe era atribuída. Um exemplo disso ocorre logo após a morte do Sargento Troy. Boldwood ao tentar se reaproximar de Bathsheba a

questiona sobre seus sentimentos em relação a ele, e ela responde prontamente que gostava e o respeitava também. Quando ele pede para que ela escolha apenas um, gostar ou respeitar, ela rebate dizendo que não sabe, ou que não consegue expressar o que sente justamente por achar difícil definir seus sentimentos em uma língua, feita pelo homem para expressar os seus (Hardy, 2012, p.392).

Bathsheba, apesar de todas as adversidades que encontra, e apesar das inúmeras tentativas de ser diminuída, consegue refletir sobre seu espaço em uma sociedade dominada pelo poder masculino. Ela compreende que precisa se ajustar a algumas normas para poder conseguir de fato agir, mas isso não a define, ela continua sendo, dentro das duas possibilidades, uma mulher de espírito livre.

Como já foi mencionado, além da herança do seu tio, talvez o maior triunfo de Bathsheba Everdene foi ter conseguido um casamento onde suas vontades foram respeitadas. Ela consegue, ao final da narrativa, encontrar em Gabriel uma figura masculina que a faz mudar de ideia em relação ao casamento. Ela compreende a necessidade de ter um companheiro para continuar a ter alguma relevância na sociedade, porém ela o faz do seu modo.

Bathsheba deposita em Gabriel muitas de suas inquietações, e ele é em vários momentos a pessoa que o aconselha. Ela encontra em Gabriel o suporte da sua moral, e ele a ampara mesmo quando ela não está presente. Quando Boldwood questiona Gabriel sobre o seu compromisso com Bathsheba, ele tenta encontrar formas de defender sua indecisão.

'Does a woman keep her promise, Gabriel?'

'If it is not inconvenient to her she may.'

'- or rather an implied promise.'

'I won't answer for her implying,' said Oak.' (HARDY, 2012, p.)

Ela vivencia as ações que tanto criticava em outras mulheres, como a ingenuidade em relação aos homens e ao casamento, e percebe que se manter fiel a seus próprios instintos pode trazer consequências negativas.



Bathsheba consegue, nesta narrativa, inverter em vários momentos o papel submisso da mulher vitoriana, não apenas exercendo uma posição de sujeito, mas também capaz de gerenciar o masculino de uma forma racional. Percebemos isso quando logo no início, ela demite um funcionário, pois ele é suspeito de roubar algumas moedas. Ela, neste instante, não teme ser vista como cruel e injusta, apenas faz aquilo que acredita ser o certo - aquilo que um homem em sua posição faria.

Bathsheba é considerada vaidosa, e impulsiva, porém ao final da narrativa, após passar pelos eventos que se sucederam, ela adota uma postura mais madura e responsável. Ela sabe que não deve deixar seus sentimentos ou impulsos falarem mais alto de sua razão, pois essa é uma das razões pelas quais ela sempre fora criticada.

Considerando tudo isso, podemos destacar que o espírito livre de Bathsheba se transforma em ação. Boumelha reforça a ideia aqui enfatizada sobre o modo como Bathsheba é uma personagem feminina independente e resistente quando menciona que “*Far from the Madding Crowd* is not only the story of education of Bathsheba, her moral and emotional growth are paralleled by the breaking of her spirit”. (BOUMELHA, 1982, p. 33)

À luz da moral vitoriana, e seus manuais, Bathsheba não segue nem simpatiza a todo momento com as normas que ditam: hábitos domésticos, passividade, obrigações e responsabilidades sociais rígidas, entre outras.

Bathsheba Everdene é uma heroína vitoriana intrigante e diferente. Suas ações e ideias não correspondem às expectativas sobre as mulheres no período em que o romance foi publicado. Embora Bathsheba seja uma mulher persistente, não é possível esquecer o ambiente e sua pressão. Sua independência e resistência muitas vezes são vistas como prejudiciais à sua imagem no romance.

Diante desta análise do romance e do contexto histórico, evidenciamos que ela era uma mulher de mente independente, alma de espírito livre e caráter persistente. Ela não deixou que seus traços individuais se fundissem completamente com as pressões e convenções sociais da época.

A relevância desta análise está nas condições de que Bathsheba não é a típica heroína vitoriana, que aceitava todas as condições impostas pela sociedade sobre como ela deveria agir e pensar. Ao longo do romance, sua individualidade é afetada, mas não perdida. Ela encontra sua própria voz e a usa. Seu espírito não é controlado pelas convenções sociais que a cercavam, e todos os eventos que ocorreram em sua vida a ajudam a quebrar e manter seu espírito livre.

No capítulo 31, *Blame*, ao ser confrontada por Boldwood, ela faz essa reflexão.

Bathsheba, in spite of her mettle began to feel unmistakable signs that she was inherently the weaker vessel. She strove miserably against this femininity which would insist upon supplying unbidden emotions in stronger and stronger current. She had tried to elude agitation by fixing her mind on the trees, sky any trivial object before her eyes, whils his reproaches fell, but ingenuity could not save her now. (HARDY, 2012, p. 229)

Incrédulo, Boldwood não admite a recusa de Bathsheba, e ela admite tristemente que ele superestima a capacidade dela de amar. You overrate my capacity for love. I don't possess half the warmth of nature you believe me to have. An unprotected childhood in a cold world has beaten the gentleness out of me. (HARDY, 2012, p. 230)

Neste trecho, fica evidente mais uma vez como Bathsheba amadureceu, e se tornou mais prudente em suas ações, e seus pensamentos impulsivos agora dão lugar a uma visão mais coerente e fria da vida.

Casagrande (1979) discute esse amadurecimento da personagem quando aponta alguns fatos interessantes sobre a abordagem de Hardy em não elucidar questões como a infância de Bathsheba, assim nos deixando sem compreender as razões ou motivos de suas ações.

First, Hardy's abbreviated handling of Bathsheba's childhood thwarts any attempt to understand her motives at the beginning of the novel. Our uncertainty about her motives is compounded by the nature of her career, which is not a gradual process of self-conscious growth, but exposure, sudden and violent, to murder, death, fatal disease, fire, storm, and uncontrolled passion. (CASAGRANDE, 1979, p.51)

O seu amadurecimento, por outro lado, não é gradual. Ele acontece de forma desagradável, uma vez que ela é exposta à violência, morte, tempestades e paixões incontroláveis. Essa exposição faz com que Bathsheba mude drasticamente suas ações, assim como faz com que ela se torne ainda mais sensível, sendo que em vários momentos ela parecia ser indiferente ao sofrimento ou acontecimentos que a cercavam. Porém, esse amadurecimento do mesmo modo possibilita o seu autoconhecimento, e ele permite que ela assuma sentir e refletir sobre suas próprias ações. Ela percebe quase ao final da narrativa que se permitir sentir, sejam emoções boas ou ruins, não faz dela uma mulher menos independente.

Bathsheba's feeling was always to some extent dependent upon her whim, as is the case with many other women. Something big came into her throat and an uprising to her eyes — and she thought that she would allow the imminent tears to flow if they wished. They did flow and plenteously, and one fell upon the stone bench beside her. Once that she had begun to cry for she hardly knew what, she could not leave off for crowding thoughts she knew too well. She would have given anything in the world to be, as those children were, unconcerned at the meaning of their words, because too innocent to feel the necessity for any such expression. All the impassioned scenes of her brief experience seemed to revive with added emotion at that moment, and those scenes which had been without emotion during enactment had emotion then. Yet grief came to her rather as a luxury than as the scourge of former times. (HARDY, 2012, p. 434)

O final feliz de *Far from the Madding Crowd* não atende apenas às exigências da época, como às exigências da própria personagem. E, ao final, percebe-se a possibilidade de mudanças e regeneração, como é ainda apontado por Casagrande.

Among the major novels, *Far from the Madding Crowd* and *Under the Greenwood Tree* (1872), with their 'happy' endings, can be seen as attempts to show, in the comic mode, the possibility of amendment and regeneration. (CASAGRANDE, 1979, p. 54)

Casagrande ainda afirma que Bathsheba é tão vítima como agente da trágica inalterabilidade das coisas que a cercam. Ela acaba tendo que se envolver em uma série de eventos dos quais ela não pode se desvencilhar. Bathsheba é vaidosa, independente de espírito e flerta de maneira imprudente. Um evento que evidencia

isso é quando ela percebe que uma pequena ação cometida no início da narrativa, o cartão que ela envia para Boldwood escrito “case-se comigo”, acaba em assassinato, um quase suicídio e uma provável sentença de morte.

A história moral de Bathsheba é paralela a de Troy. Assim como ela fere Boldwood, Troy fere Fanny. Porém, é estendido a Troy uma justificativa que não é estendida a Bathsheba. Enquanto ele, apesar de conseguir seguir o caminho certo, erra não por suas ações, mas devido às circunstâncias de seu nascimento, à sua profissão e à “susceptibilidade das mulheres ao seu charme”, Bathsheba é retratada como uma pessoa que erra por ser “inatamente falha” por ser mulher.

Outro aspecto marcante da personalidade de Bathsheba é sua “masculinidade”. Ela monta um cavalo à moda masculina, quando assume a fazenda do seu tio, herda não apenas a fazenda, mas também seu papel “masculino”.

Quando questionada por Liddy se deveria ou não enviar o cartão para Boldwood, ela responde “Let's toss, as men do”. (Hardy, 2012, p. 109). Hardy consegue colocar Bathsheba em papéis convencionalmente masculinos, mesmo que esses papéis masculinos sejam de agressor ou sedutor.

É importante lembrar que esse papel masculino, apesar de ser às vezes agressivo, é também aquilo que a faz conseguir agir em um mundo masculino. Quando Liddy afirma que Bathsheba é uma mulher que seria páreo a qualquer homem, Bathsheba se ofende ao perceber que Liddy realizava uma comparação que a masculiniza.

*‘I hope I am not a bold sort of maid — mannish?’ she continued with some anxiety.*

*‘O no, not mannish; but so almighty womanish that 'tis getting on that way sometimes. Ah! miss,’ she said, after having drawn her breath very sadly in and sent it very sadly out, ‘I wish I had half your failing that way. 'Tis a great protection to a poor maid in these days!’ (Hardy, 2012, p. 223)*

Se tratando de essência, Bathsheba mudou pouco em relação aos seus erros iniciais. Entretanto, os atributos que permaneceram - mesmo ocasionando alguma sucessão de eventos ruins - ainda são aqueles que a diferem de Liddy e Fanny positivamente.

Bathsheba chega, ao final do romance, alterada. Diante de tantos acontecimentos trágicos, muitos deles indiferente ou diretamente ocasionados pela sua própria conduta, Bathsheba se transforma.

Ao final da narrativa, logo após a ocorrência envolvendo Troy e Boldwood, os empregados de Bathsheba ficam preocupados com seu bem-estar, e comentam que o seu sofrimento foi muito grande, e que ela merecia a piedade de todo mundo. Quando questionada por Coggan, Liddy fala do estado de Bathsheba.

“If you haven’t seen poor mistress since Christmas you wouldn’t know her’ said Liddy. ‘Her eyes are so miserable that she’s not the same woman. Only two years ago she was a romping girl and now she’s this” (HARDY, 2012, p.432)

Neste trecho, Liddy comenta que Bathsheba é praticamente outra mulher depois de todos aqueles ocorridos, e que ela se encontrava em um estado miserável. Bathsheba deixou de ser uma mulher divertida para se tornar desse jeito.

Por meio dessa análise, foi possível perceber que Bathsheba ocupa um lugar de destaque tanto nas obras de Hardy quanto no âmbito de personagens tipicamente vitorianas. Ela se coloca diante dos impasses com firmeza, conseguindo contornar algumas restrições rígidas da época. Ela pensa por si própria, age de acordo com suas convicções, modifica o ambiente que habita, e questiona os espaços que lhe são reservados, quase sempre tentando impor a sua vontade. Mesmo que esses atributos sejam considerados negativos por parte de outros personagens na narrativa, nesta análise, eles contribuem para a compreensão da ideia de que Bathsheba foge à regra em relação às outras personagens.

Na véspera de seu casamento com Gabriel Oak, há uma certa aparência rejuvenescedora sobre ela. "As though a rose should shut and be a bud again". (Hardy, 2012, p. 446)

Mesmo após todos os eventos trágicos que aconteceram, e do amadurecimento de Bathsheba de uma menina egocêntrica para uma mulher altruísta, Bathsheba consegue chegar ao final da narrativa com alguns atributos ainda intactos. Seu espírito livre é em partes domadas, mas ainda existe. Sua

vaidade é mais tímida, porém ainda é presente, e sua teimosia é direcionada, principalmente por Gabriel para assuntos que interesse e satisfaça a ambos.

Como argumentado no início desta análise, Bathsheba triunfa de várias formas ao longo da narrativa, principalmente quando assume papéis majoritariamente masculinos. Mesmo assim, não vemos até o final do enredo, Bathsheba ocupando alguns papéis que seriam de suma importância para ela enquanto mulher vitoriana. Bathsheba não vivencia seu papel de filha, pois seus pais não são apresentados propriamente na narrativa. Ela também não chega a se tornar mãe, outro papel extremamente importante. Porém, mesmo não tendo esses dois papéis específicos, vivenciados, ela triunfa. Ou talvez justamente por não ocupar esses papéis, ela acaba se tornando livre dos papéis estereotipados da época.

Bathsheba revived with the spring. The utter prostration that had followed the low fever from which she had suffered diminished perceptibly when all uncertainty upon every subject had come to an end. (HARDY, 2012, p. 433)

Assim como as passagens das estações ocasionam mudanças impremeditadas na natureza, o curso de vida de Bathsheba Everdene fez com que ela chegasse ao final da narrativa mais madura e prudente, porém também "revivida" e "rejuvenescida".

Diante disso, podemos dizer que o objetivo aqui apresentado foi alcançado e que por meio da análise foi possível perceber os pontos que a diferenciam tão fortemente de seu contexto histórico e das demais personagens mencionadas. Bathsheba Everdene é uma personagem interessante de ser analisada e ninguém melhor para explicá-la do que o próprio autor.

Bathsheba was astonishing all around her now, for her philosophy was her conduct, and she seldom thought practicable what she did not practice. She was of the stuff of which great men's mothers are made. She was indispensable to high generation, feared at tea-parties, hated in shops, and loved at crises. (HARDY, 1874, p. 424)

Se Bathsheba apresenta todos os requisitos da heroína tipicamente vitoriana, ou da própria mulher vitoriana em si, não podemos afirmar com certeza, mas ela ocupa um lugar ainda melhor. Bathsheba, com sua ousadia e discernimento na medida certa, consegue agradar a todos os públicos, desde os exigentes leitores do período vitoriano até os dias atuais. Ela consegue conversar com cada público de uma forma diferente. Ela resiste, ao mesmo tempo, em que cede, impõe-se na mesma medida que se subordina. O maior triunfo da personagem reside justamente naquilo que o seu universo ficcional não permite, o olhar externo e total da obra. Bathsheba possui a aprovação de seu público, a empatia de seu criador, e a complexidade exigida para ser considerada relevante aos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ALTICK, R. D. **Victorian people and ideas**. New York: Norton, 1973.

BOUMELHA, P. **Thomas Hardy and Women: Sexual Ideology and Narrative Form**. Harvester Press, 1982.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: \_\_\_\_\_ et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARTER, R; MCRAE, J. **The Routledge History of Literature in English: Britain and Ireland**. 2 ed. Taylor & Francis, 2016.

CASAGRANDE, P. J. A New View of Bathsheba Everdene. In: KRAMER, D.(Ed). **Critical Approaches to the Fiction of Thomas Hardy**. Springer, 1979. cap. 4, p. 50-71.

DALESKI, H. M. **Thomas Hardy and paradoxes of love**. University of Missouri Press, 1997. Far from the Madding Crowd: The Only Love.

LAWRENCE, D. H. **Study of Thomas Hardy and other essays**. Cambridge University Press. 1985

EAGLETON, T. Buried in the life: Thomas Hardy and the limits of biographies. **Harper's Magazine**, nov., 2007. Disponível em: <http://people.stfx.ca/rnemesva/Hardy/Tomalin.htm>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ELLIS, S, S. **The Daughters of England: their position in society, character and responsibilities**. Appleton, 1842.

FLINT, K. The Victorian Novel and its readers. In: DAVID, D. (Ed). **The Cambridge Companion to the Victorian Novel**. Cambridge University Press, 2001. cap. 1, p. 17-36)

Garlock, D. (2000). Recent Studies in Thomas Hardy's Fiction 1987-99. **Dickens Studies Annual**, 29, 465–487. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44371997>. Acesso em: 28 nov. 2021.

GOATER, T. The return of the native de thomas hardy: eustacia vye ou o bovarismo encarnado no wessex. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Línguas e culturas em contato, nº, 53, 487-506, 2016.

GOPAL, S. Determinism and Pessimism in the Novels of Thomas Hardy. **International Journal of Recent Research in Social Sciences and Humanities**. India. v. 3, n. 2, p. 130-133, abr./jun., 2016. Disponível em:



<http://www.paperpublications.org/download.php?file=Determinism%20and%20Pesimism-734.pdf&act=book>. Acesso em: 25 jun. 2018.

HARDY, T. **A Bem-Amada**: esboço de um temperamento. Trad., introdução e notas de Luís Bueno e Patrícia Cardoso. São Paulo: Conex, 2003.

HARDY, T. **Far from the Madding Crowd**. Penguin, 2012.

MALLETT, P. Hardy and philosophy. In: **A Companion to Thomas Hardy**. 2010.

MILLGATE, M. **Thomas Hardy: A Biography Revisited**. Oxford University Press, 2004.

MILLGATE, M. **Thomas Hardy: His Career as a Novelist**. Springer, 1994.

MITCHELL, S. **Daily Life in Victorian England**. Greenwood Publishing Group, 1996.

MOHAMMAD, S. G.; KHALIS, A. S. Far From The Madding Crowd: Bathsheba 's Tale Of Resistance To Appropriation. **Dialogue**, v. 8, n. 1819-6462, p. 440-446, 2013.

MORGAN, R. **Women and sexuality in the novels of Thomas Hardy**. Routledge, 1988.

OGDEN, D. Bathsheba's Visual Estate: Female Spectatorship in "Far from the Madding Crowd". **The Journal of Narrative Technique**, v. 23, n. 1, p. 1-15, 1993.

PAGANINE, C. Traduzindo a Variação Linguística em Três contos de Thomas Hardy. **Eutomia**, Recife, v.1 n.10, p.433-448, 2012.

PAGANINE, C. G. Thomas Hardy: teoria estética e produção literária. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 36, n. 1, p. 29-35, Jan.-Mar., 2014.

PRATIWI, R. E and , Dr. M. T., M.S. **Woman As A Rational Being In Thomas Hardy's Far From The Madding Crowd (1874): A Feminist Approach**. Skripsi thesis, Universitas Muhammadiyah Surakarta, 2017.

ROGERS, K. Women in Thomas Hardy. **Centennial Review**, p. 249-258, 1975.

SHIRES, L. M. Narrative, Gender, and Power in "Far from the Madding Crowd." **NOVEL: A Forum on Fiction**, 24(2), 162-177, 1991.

SYMONS, A. **A Study of Thomas Hardy**. Chas. J. Sawyer, Grafton House, 1927.

TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TUCKER, H. F. (Ed.). **A new companion to Victorian literature and culture**. John Wiley & Sons, 2014.

WIDDOWSON, P. Hardy and critical theory. In: KRAMER, D. (Ed.). **The Cambridge companion to Thomas Hardy**. Cambridge: Cambridge UP, 1999. p. 73-92.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MISTICHELLI, W. "Androgyny, Survival, and Fulfillment in Thomas Hardy's 'Far from the Madding Crowd.'" **Modern Language Studies**, vol. 18, no. 3, 1988, pp. 53–64. *JSTOR*. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3194969>. Acesso em: 18 out. 2022.

WILLIAMS, M. **Thomas Hardy and Rural England**. Springer, 1972.